

# O TESOURO DO SOMBRIO



## Capítulo 90 Diário de Arará Posanongara

Antes de ler sobre nossa viagem ao Saco do Sombrio, é fundamental que o leitor leia o texto que segue, intitulado *Diário de Arará Posanongara*. Leia também as notas de rodapé.

O texto foi escrito por um marinheiro e ex-seminarista português chamado José de Marrocos, na segunda metade do século XVIII. Marrocos veio ao Brasil por ordem de seu patrão, um rico comerciante chamado Julian Cantanhede, que o contratou para investigar e relatar tudo o que pudesse sobre o tesouro de Aleixo Garcia, que é o tesouro do Saco do Sombrio. Ele buscava havia muitos anos certas máquinas e peças de *ouro vermelho* que teriam sido roubadas por Aleixo Garcia.

Aleixo Garcia foi um aventureiro mercenário que, na primeira metade do século XVI, com muitos índios guarani, organizou uma expedição guerreira em busca das riquezas dos incas. Garcia conseguiu chegar a Potosí, hoje uma cidade na Bolívia, e depois a Cuzco, antiga capital do império inca, hoje uma cidade no Peru, onde obteve as riquezas que buscava, mas foi morto pelos índios paiaçuá que puseram um fim à sua expedição enquanto retornava.

Segundo os relatos de Marrocos, parte das peças de prata e ouro e os objetos de ouro vermelho roubados dos incas por Aleixo foram parar nas mãos de um frade jesuíta da então Vila de Santos, chamado Gonçalo Antônio, que passou a ser o guardião do tesouro. Esse tesouro está até hoje escondido no Saco do Sombrio, em Ilhabela. O

antigo *Diário de Arará Posanongara* relata toda a história desse tesouro.

Marrocos acabou encontrando o *Diário de Arará Posanongara*, que pertencia a uma mulher chamada Joana Medeiros, a qual morava no povoado do Enguaguaçu ou povoado de Todos os Santos, hoje cidade de Santos, no litoral paulista. Como explicado no texto, Arará Posanongara é o nome indígena de Manuel Gaia, que encontrou o tesouro do Sombrio, porém apanhou apenas uma pequena parte dele, deixando o restante no local chamado pelos índios de *Itanhiã Kuara*, que fica em algum lugar perto de 'Anga Kûa ou Saco do Sombrio. O texto que segue é um resumo do *Diário de Arará* e outras cartas encontradas por Marrocos.

O primeiro capítulo é uma carta enviada por José de Marrocos a Julian Cantanhede, relatando seus achados no Brasil. Com a carta, Marrocos enviou a Cantanhede sua transcrição do *Diário de Arará Posanongara* e também alguns objetos, conforme explicado no texto.

Consta que Julian Cantanhede era um burguês europeu muito rico, obstinado por peças e tesouros antigos, ele sabia da existência desse misterioso ouro vermelho encontrado por um religioso jesuíta em algum lugar no Brasil. Segundo Osvaldo Sapateiro, Julian Cantanhede é antepassado de Dona Sisí Portugal, que desde menina pesquisou a história de Ilhabela. O texto original de Marrocos e diversos outros apetrechos de Julian foram passados de geração em geração até serem entregues a Sisí Portugal por seu pai.

Parte desse material antigo foi entregue por Sisí ao engenheiro Claude Remy, que dedicou metade de sua vida à busca do tesouro. Antes de falecer, Remy o entregou ao

seu companheiro de caçada ao tesouro, o mergulhador Osvaldo Sapateiro. Este também possuía muitas outras anotações de Dona Sisí Portugal sobre o que eles chamam de GM ou *Gênesis das Máquinas* (que teria sido elaborado pelo *Povo das Máquinas* ou povo de Atlântida). Li alguma coisa sobre essa GM, mas achei muito sobrenatural e místico, e por isso decidi não me estender no assunto. Optei por apresentar neste livro apenas os fatos.

Demorei mais de um ano para conseguir transcrever o texto original de José de Marrocos. Tive que fazer curso de grafia antiga da língua portuguesa. Também consultei muitos livros e dicionários de Tupi Antigo<sup>1</sup> para poder compreender o significado dos diversos nomes indígenas que aparecem no texto. Estudei história para confirmar e comentar alguns trechos da obra. Encontrei evidências históricas que confirmam a autenticidade de muitas das informações apresentadas no texto. Apresento no rodapé das páginas meus comentários que esclarecem determinadas partes do texto e também indico a leitura do livro *Relatos do Brasil do século XVI*. Para mais detalhes, veja as Referências no final do livro.

Fiz muitas modificações no texto original para poder ser compreendido pelo leitor atual, porque algumas das palavras do original são desconhecidas ou não usadas atualmente. Os pronomes e até a grafia das palavras são diferentes de antigamente, e por isso precisei fazer adaptações. Procurei não comprometer a pureza do texto original. Mantive a divisão dos capítulos e os títulos exatamente como no texto de Dona Sisí Portugal.

O capítulo intitulado “Como era *Itanhiã Kuara*” não está disponível, assim como o desenho de *Maire*

---

<sup>1</sup> Veja referência 6, no final deste livro.

*Humane*, mencionado por Marrocos. Por algum motivo, as páginas que descrevem a caverna ou o buraco de *Itanhiã Kuara* e o referido desenho se perderam há séculos.

Lembro o caro leitor que nem Manuel Gaia nem José de Marrocos (que são os autores do texto que segue) eram escritores profissionais nem jamais imaginaram que seus diários e cartas seriam publicados; por isso o texto não é um primor da literatura. São textos rústicos, sem nenhum compromisso com estética, porém são de fácil compreensão.

Boa leitura!

# Capítulo 9 – Parte 1

## *Uma carta ao senhor Julian Cantanhede<sup>2</sup>*

Ao meu senhor Julian Cantanhede,

Não escondo meu assombro em insistir o senhor em desperdiçar tanto dinheiro na busca de um tesouro enterrado que por certo não pode mais ser encontrado. Constatei que muitos já buscaram o ouro vermelho de “*Anga Kûa*” (Saco do Sombrio), porém, nunca ninguém encontrou nada. Em vez de buscar um tesouro que ficará para sempre sepultado nas lendas, poderia o senhor utilizar seu dinheiro em outros empreendimentos de lucratividade mais certa. Saiba que é verdade que esta terra do Brasil é a terra mais rica do mundo, onde tudo que se planta dá e há aqui abundância de víveres, caça, raízes, grãos e frutas de tipos nunca antes vistos na Europa e tudo o que se planta na Europa se planta aqui e muito mais. E há aqui muitíssimos escravos (índios e mouros<sup>3</sup>) que são

---

<sup>2</sup> Segundo informações de Osvaldo, Julian Cantanhede era um antepassado de Sisí Portugal, uma famosa historiadora e folclorista de Ilhabela.

<sup>3</sup> Como alguns chamavam os africanos, veja Capítulo III da referência 7.

comprados por baixo preço e até os mais pobres os têm. Também há ouro e muitas pedras preciosas que são encontradas nos leitos dos infinitos rios que regam esta terra. E as plantas estão sempre verdes o ano todo, porque aqui o inverno é fraco e a chuva, abundante. É, portanto, um lugar para muitos negócios lucrativos.

São todos aqui ou católicos ou gentios, e não há aqui nem sequer um protestante.

Não quero, entretanto, reprovar e nem mesmo dar conselhos ao meu senhor, empregador antigo de minha mãe, e agora meu também; quero apenas expressar minhas impressões quanto à validade desta empreitada que julgo infrutífera.

Conforme nosso contrato, faço aqui uma extensa descrição de todas as informações dos irmãos Gaia, que foram obtidas depois de muitas investigações e viagens por esta terra.

Na Vila de Santos, finalmente encontrei o autêntico *Diário de Arará Posanongara* com uma mulher chamada Joana Medeiros, que se diz parente distante de um dos irmãos Gaia, de nome Agostinho. Com a ajuda dessa mulher, também obtive informações de um homem morador de uma aldeia do sertão chamada São Paulo de Piratininga (que hoje é a cidade cabeça da Capitania de São Vicente), Seu Alfredo Gomes, que possuía algumas cartas desse mesmo Agostinho Gaia, que era antigamente por lá conhecido pelo apelido de Gordo do Ouro. As cartas desse Gordo do Ouro, porém, estão pouquíssimo legíveis devido ao desgaste do tempo. São breves relatos do Gordo



do Ouro sobre sua viagem em busca do ouro de 'Anga Kûa e de como conheceu sua esposa índia durante essa empreitada. Essas cartas confirmam a veracidade histórica dos relatos escritos no *Diário de Arará Posanongara*. Esse senhor, Seu Alfredo, foi quem me vendeu por valor irrisório a pedra com inscrições em latim, os pedaços de terço e o *colar de Viracocha* danificado que estou lhe enviando nesta caixa. Segundo Alfredo, esses itens pertenceram ao padre frei Gonçalo Antônio<sup>4</sup>, então guardião das peças de *Potosí*<sup>5</sup>, e são mencionados no decorrer desta carta.

O material de maior qualidade é o *Diário de Arará Posanongara*, (Arará Posanongara é o nome indígena de Manuel Gaia) e também os entusiasmados relatos orais de Dona Joana Medeiros. O diário está nas mãos dessa Joana Medeiros, que não quis vender os registros senão por um valor inaceitável, mas relutantemente permitiu que eu os lesse sem cobrar nada, e assim fiz este relato; por ter sido bem pago pelo senhor, aqui eu escrevo o que li no diário e outras informações que obtive em conversas com essa mulher historiadora, Joana Medeiros, que conhece muito bem toda a história de seus antepassados. Este trabalho de escrita custou-me muitos enfadonhos dias sob o intenso calor desta ilha<sup>6</sup>. Os registros em mãos dessa Joana estão em ótimo estado de conservação e podem ser facilmente lidos. Parecem documentos autênticos a julgar pelo seu

---

<sup>4</sup> Veja referência 4, no final deste livro.

<sup>5</sup> Hoje chamada Potosí, é uma cidade da Bolívia, onde antigamente havia muita prata e ouro pertencente ao império Inca. Veja referência 13 no final deste livro.

<sup>6</sup> Naquela época, alguns europeus ainda chamavam a América de "ilha".

aspecto e pelo infinito apreço que essa mulher tem pelos registros, pois não os quis vender por altíssimo preço. Esse diário foi escrito de próprio punho por Manuel Gaia, que conscientemente quis deixar um registro de seus feitos para a posteridade. Contém também muitíssimos diálogos que os irmãos Gaia tiveram entre eles durante suas preparações e viagens em busca do ouro. Mas não transcrevi todos os diálogos aqui porque são muitos e nem todos continham informação relevante para a causa de meu senhor. Tinha esse Arará notável habilidade para fazer desenhos. Os diários estão escritos em língua portuguesa, mas há sim alguns trechos escritos na língua antiga dos selvagens da costa do Brasil. Uma corrupção dessa língua selvagem é utilizada clandestinamente ainda hoje em todas as capitânicas da colônia, por ricos e pobres, escravos e livres, mais fluentemente que o próprio português, apesar de um edito real do nosso Marquês de Pombal proibir sua utilização. É uma língua chamada *nhe'enga*<sup>7</sup>, mistura da língua original dos selvagens com a língua de Portugal.

Além dos meus escritos, envio também estes dois desenhos, um é o mapa para o *colar vermelho de Viracocha* e o maior, chamado desenho de *Maire Humane*<sup>8</sup>. Com diligente esforço, fiz o melhor que pude para copiar os desenhos dos originais feitos de próprio punho por Manuel Gaia. Os originais desses desenhos estão também com essa senhora Joana Medeiros, que não os quis vender. Em meu livrinho, explico o significado desse desenho maior, copiado por Arará da caverna de *Itanhiã Kuara*. Como já lhe informei antes, o mapa que

---

<sup>7</sup> Esta é a língua tupi ou nheengatu (não é o tupi antigo).

<sup>8</sup> Esse desenho perdeu-se.

leva ao *colar de Viracocha* e ao tesouro de 'Anga Kúa só pode ser interpretado por um conhecedor da *Máquina da Trindade*<sup>9</sup>.

Possui essa mulher uma cruz de ouro<sup>10</sup> da Companhia de Jesus, que teria pertencido ao padre frei Antônio. Uma cordinha rígida de ouro acompanha a dita cruz. Essa mulher, Joana, não quis vender a cruz<sup>11</sup> nem por três vezes seu valor, segundo minha oferta.

Segundo consta, fazia esse frei Antônio parte daquela Gênese das Máquinas dos jesuítas, que em carta anterior relatei<sup>12</sup>. O frade se interessava por achados antigos. Era o guardião do colar (um dos quais, de pedras brancas, te envio<sup>13</sup>), chamado *colar de Viracocha*<sup>14</sup>, também vindas de *Qosqo*<sup>15</sup> e obtidas do outro padre da ordem, Leonardo Nunes, anterior guardião das peças que

---

<sup>9</sup> Máquina da Trindade é o mesmo que Gênese das Máquinas.

<sup>10</sup> Essa é a cruz que Osvaldo nos mostrou no *lobby* do Hotel da Bruxinha. Segundo o supersticioso Osvaldo, essa cruz era originalmente de madeira, mas foi “transformada” em ouro pelo frade.

<sup>11</sup> Segundo relato de Sisí Portugal, a mulher mais tarde cedeu e vendeu esta cruz a Marrocos, que a enviou para o Sr. Julian Cantanhede.

<sup>12</sup> Segundo Osvaldo Sapateiro, esta carta está ainda hoje guardada num baú na casa da Dona Sisí Portugal.

<sup>13</sup> Esse colar é o mesmo que o mergulhador Osvaldo nos mostrou no *lobby* do Hotel da Bruxinha.

<sup>14</sup> Ou Korikancha, que significa “O Templo do Sol”. É uma obra arquitetônica inca que fica em Cuzco, no Peru. Esse colar também é chamado colar de Cleito, veja o capítulo *O Povo das Máquinas*.

<sup>15</sup> Cuzco, Peru.

A. Garcia<sup>16</sup>, que as roubou de Potosí e do templo de Viracocha em Cuzco, como já relatei em carta anterior. Esse colar de pedras brancas não possui valor senão aos estudiosos, mesmo assim eu o envio a ti, como diligentemente me instruíste a fazer segundo teu grande interesse por essas coisas. E não é esse o colar de pedras vermelhas que tu tanto desejas.

Conforme tua instrução, não omiti nada importante neste meu relato, mas incluí todos os detalhes, inclusive muitos dos diálogos conforme estão escritos nestes já mencionados diários e cartas, o que me custou muitas horas de estudo e escrita que, como disse antes, julgo que foi um trabalho inútil, já que estou convencido de que não há como encontrar o ouro vermelho nem o tesouro naquelas matas, mas como fui pago e por senso de dever, eu o fiz até sua conclusão. Apenas omiti alguns dos diálogos por considerá-los enfadonhos e sem propósito.

Sabendo de teu grande interesse por coisas misteriosas e folclore, procurei mencionar todas as referências a essas coisas conforme relatadas pela mulher e contidas nos documentos. O que era para ser apenas uma carta tornou-se um livrinho. Consolo-me em pensar que talvez tenha, este meu longo relato, alguma utilidade histórica.

Devido à similaridade nos relatos históricos obtidos de diferentes fontes, tenho a convicção de que todas as coisas aqui relatadas são verdadeiras e ocorreram exatamente como aqui estão descritas.

---

<sup>16</sup> Aleixo Garcia.

Alguém mais estudado que eu deveria ter sido contratado para este trabalho de escrita. Por não ser bem letrado (como tu bem sabes não completei três anos de seminário em Coimbra), deve haver sim, em meus comentários ao longo do texto, muitos erros. Por causa dos meus erros na escrita quero aqui me desculpar. Lembro-te de que sou apenas um marinheiro.

Segue, portanto, meu trabalho neste pacote que hoje te endereço. E me espanto de ver quão extenso foi meu relato.

Peço-te que entregues à minha mãe, que espero ainda estar viva, a carta também contida no embrulho.

Aguardo ansiosamente tua autorização para regressar à minha terra.

Com coração agradecido,

José de Marrocos

S. Paulo de Piratininga, cinco de abril de mil setecentos e setenta e um.



## Capítulo 9 – Parte 2

### Como o frei Antônio se tornou o pai dos irmãos Gaia

Manuel Gaia era conhecido no povoado do Enguaguaçu como *Arará Posanongara*, que significa *curandeiro do papagaio* na língua dos *tupinakiia*<sup>17</sup>. Ele e seus irmãos buscaram o tesouro de *Itanhiã Kuara*, localizado a poucas milhas de uma pequena enseada chamada *'Anga Kûa*<sup>18</sup>, que fica numa ilha próxima ao continente num local chamado *Maembipe* (que era também o nome da dita ilha) pelos selvagens tupinambás.

O pai de Manuel, português nascido em Silves<sup>19</sup>, morreu de flechada de um tupinambá no mesmo dia do ataque de Fenton<sup>20</sup> ao povoado de Todos os Santos, quando Manuel ainda estava no ventre de sua mãe. O irmão mais velho de Manuel, Evaristo, que na época tinha 6 anos de

---

<sup>17</sup> Tupinakiia é o mesmo que tupiniquim.

<sup>18</sup> Baía Sombria, Saco Sombrio ou Saco do Sombrio na língua tupi.

<sup>19</sup> Silves é uma cidade portuguesa no Distrito de Faro, região e sub-região do Algarve.

<sup>20</sup> Na manhã de 16 de dezembro de 1583, o pirata inglês Edward Fenton atacou a Vila de Santos, veja referência 8 no final deste livro.

idade, presenciou seu pai ser flechado e morto.

Esse homem, pai de Manuel, era homem de guerra e matou muitos da nação brasílica dos tupinambás que, naquela época, matavam e comiam muitos homens de São Vicente porque eram selvagens canibais ou antropófagos aliados dos franceses e inimigos dos portugueses. Conta-se também que ajudou Baltazar Ferreira a matar a *ipupiara*<sup>21</sup>, monstro dos mares que assombrava as costas do Brasil desde épocas remotas. A mãe de Manuel, Bárbara, que foi enviada de Portugal à terra do Brasil por ser órfã<sup>22</sup>, faleceu de complicações de parto, poucos meses depois da morte de seu marido, ao dar à luz a Manuel, deixando órfãos seus cinco filhos homens: Evaristo, o mais velho, Átila, Miguel, Agostinho (o “Gordo do Ouro”), e Manuel, o mais novo, que nasceu na mesma hora em que sua mãe morreu. Homem algum pode imaginar como esses meninos irmãos sofreram naqueles dias por causa da morte de seus pais. Não relatarei aqui todas as suas angústias daqueles dias.

Quando sua mãe morreu, o recém-nascido Manuel e seus irmãos foram morar com o frei Gonçalo Antônio, pároco jesuíta do povoado de Santos, que amorosamente os acolheu; o mesmo frade, que era o guardião do referido ouro, a quem amaram como pai, homem íntegro e cheio de amor por eles e por todos do povoado, por certo está hoje em boa morada nas mansões celestes onde habitam os

---

<sup>21</sup> Veja referência 9 no final deste livro; e ‘Ipupiara’, no livro ‘Relatos do Brasil do século XVI’.

<sup>22</sup> Na época do descobrimento, a Coroa portuguesa enviava meninas órfãs para o Brasil para se casarem com os homens. Naquela época, havia na terra do Brasil um número menor de mulheres portuguesas em comparação ao número de homens.



justos. Esse frade foi quem, diligentemente, os ensinou a ler e escrever na língua de Portugal. Muito insistentemente animou-os a estudar também a língua dos selvagens (naquela época não era o idioma dos tupinambás e dos Tupiniquim<sup>23</sup> uma língua tão fluente como é hoje), dos tupiniquins, que habitavam as vastas regiões desde o povoado de Santos até o Campo (como naquela época chamavam a Vila de São Paulo de Piratininga, vila que fica no sertão da Capitania de São Vicente a sete léguas da costa, atrás de uma extensa serra chamada pelos selvagens de Serra de *Paranapiacaba*). E eram esses tupiniquins aliados dos portugueses. Com exceção de Átila, que desde moço era o mais estudioso e desde menino dominava a língua dos índios, todos os demais irmãos foram muito negligentes nos estudos desta língua nativa dos brasileiros, o que lhes trouxe grandes adversidades, porque não conseguiam comunicar-se convenientemente com eles, como mais adiante relatarei. Mais tarde, porém, acostumaram-se com a língua dos selvagens não por diligência nos estudos, mas por terem com eles se envolvido, inclusive tendo Agostinho se casado com uma mulher índia da tribo dos tupinambás, assassinos de seu pai.

---

<sup>23</sup> Na época em que esse autor, Leonardo Marrocos, esteve no Brasil (século XVIII), o Tupi era uma língua fluente no país. Em alguns locais era mais fluente que o próprio português. Veja referência 10 no final deste livro.



## Capítulo 9 – Parte 3

### **Como o corsário Cocke destruiu e roubou a Vila de Santos e o que fez o frei Antônio**

No ano de 1591 de Nosso Senhor, no dia de Natal, enquanto toda a Vila de Santos celebrava a missa na Igreja da Misericórdia, corsários ingleses aportaram em Enguaguaçu<sup>24</sup>. Centenas de piratas de barbas vermelhas comandados pelo corsário Cocke invadiram a vila sem nenhuma resistência por parte de seus habitantes, já que não havia qualquer fortificação lá. Cercaram a capela e, por horas, com armas em punho, não permitiram que ninguém entrasse ou saísse do cerco.

Mais tarde, os fiéis conseguiram fugir da igreja para o mato, mas na fuga os piratas mataram três mamelucos cristãos, um deles era uma criança. Alguns dos habitantes se esconderam no monte da Vila<sup>25</sup> por muitos dias e outros fugiram para o Campo (Piratininga). Entre os que escaparam, estava o fidalgo Brás Cubas<sup>26</sup>.

E vendo a cidade deserta e desprotegida, os corsários roubaram todas as casas e o dinheiro que nelas

---

<sup>24</sup> Nome do antigo porto de Santos.

<sup>25</sup> Provavelmente, ele se refere ao Monte Serrat, em Santos.

<sup>26</sup> Brás Cubas, considerado o fundador de Santos (SP).

havia. Roubaram também alguns navios portugueses que estavam no porto, depois os queimaram.

Capturaram e amarraram o frei Antônio, que destemidamente os repreendia na capela. E ficou o padre encarcerado na capela por mais de um mês, comendo apenas pão e bebendo pouca água. E Cocke lhe trazia água do mar para beber, porque o odiava e dele escarnecia. Os filhos do padre, como eram chamados os Gaia, fugiram para a aldeia de Piratininga assim como a maior parte dos habitantes da vila.

Durante dois meses ficaram esses piratas em Santos, dormindo no Colégio dos Jesuítas, onde estavam escondidas as peças de ouro e prata, e na capela de Catarina de Aguiilar, chamada Capela de Santa Catarina de Alexandria. Depois de roubar tudo o que tinha valor, atearam fogo nas casas, nas ocas dos índios e nas plantações, destruíram os engenhos de açúcar e violentaram mulheres. E eram esses heréticos piratas ingleses auxiliados pelos selvagens *tamuya*<sup>27</sup> que tão logo souberam que a vila estava sob comando inglês, vieram em bandos ajudar na destruição e mortes (eram canibais e levaram alguns cristãos habitantes do povoado para os comer). Muito insistiram esses tamoios para que os ingleses não fossem embora, mas que permanecessem em definitivo na cidade; isso porque intentavam fazer outras guerras contra os portugueses e seus aliados tupiniquins, os quais odiavam mortalmente. Porém, não quiseram os ingleses permanecer mais tempo por ali, pois intentavam

---

<sup>27</sup> Tamoios refere-se a uma aliança liderada pela nação tupinambá contra os portugueses e seus aliados, os tupiniquins. Veja referência 11 no final deste livro.

fazer novos assaltos e roubos em outras terras distantes.

E os tamoios alimentavam os ingleses com caça, farinha de mandioca, frutas e vinho de mandioca, que chamavam de *cauim*, em troca de prisioneiros portugueses e pequenos objetos como facas, anzóis e espelhos. Também entregavam a alguns dos piratas suas filhas como meretrizes.

Na véspera de sua partida, Cocke e seus homens puseram abaixo o Colégio dos Jesuítas e a Capela de Santa Catarina de Alexandria de Luiz de Góes e Catarina e depois atearam fogo. Lançaram a imagem da santa ao mar. Pouparam apenas o Hospital de Misericórdia, que não foi queimado.

Nas ruínas do Colégio, encontraram os piratas as peças de ouro e prata trazidas de Potosí e Cuzco por Garcia<sup>28</sup>, que percorrera o caminho gramado de São Tomé<sup>29</sup>. E era o frei Antônio o guardião das peças. E roubaram os oito grandes barris com as peças de ouro e prata que o frei Antônio escondia sob uma pedra no Colégio. Tinha o frei Antônio o encargo, dado a ele pelo padre Leonardo Nunes, de usar o dinheiro da venda das peças para pagar a construção de mais engenhos na ilha de *Goiaó*<sup>30</sup>, para assim ajudar o povo. Com esse ouro

---

<sup>28</sup> Aleixo Garcia.

<sup>29</sup> Conhecido também como Caminho do Peabiru. Trata-se de uma estrada que ligava os Andes ao Oceano Atlântico (de Cuzco, no Peru, até o litoral na altura da Capitania de São Vicente), estendendo-se por cerca de três mil quilômetros, atravessando os territórios do Peru, Bolívia, Paraguai e Brasil. Veja referência nº 12 no final deste livro.

<sup>30</sup> Antigo nome da ilha onde está Santos.

intentava o padre, com o auxílio do governador de El-Rei, Lopo de Souza, também fazer moedas para pagar a construção de uma igreja, aumentar o hospital que já havia ali, construir um forte e muitos outros engenhos de açúcar na Vila de Santos. E era o frei Antônio homem muito industrial e amava tanto cristãos como gentios.

Roubaram também os piratas algumas máquinas antiquíssimas e um colar de pedras vermelhas, produzidos pelo *Povo das Máquinas*, que o frei Antônio também havia recebido de seu antigo amigo e mestre, padre Leonardo Nunes. Estavam essas máquinas também escondidas no Colégio, junto com as peças de ouro e prata nos barris. E a ninguém havia o padre mostrado o tesouro para que não o roubassem, e ninguém, a não ser os Gaia, sabiam que ele era o guardião de tão grande riqueza.

### **Nota de José de Marrocos**

Essas eram as máquinas ou relógios encontradas em Potosí com o colar de pedras brancas que te envio, ó Cantanhede, apesar de estar danificado. Mas o colar de pedras vermelhas perdeu-se.

E levaram os barris ao navio do general Cavendish, que era o chefe deles. E grandemente se regozijaram os piratas com esse achado, pois era muito valioso, mais que todos os seus saques anteriores. E todos os corsários buscavam a prata e o ouro de Potosí, mas poucos ousavam subir e trilhar a trilha de São Tomé por

medo dos selvagens que atacavam os viajantes.

Outros corsários e piratas haviam antes entrado em Santos, causando prejuízos; porém, nenhum corsário foi tão ousado e cruel como esse inglês Cocke, que seguia ordens de um maior chamado general Cavendish, o qual ficou a maior parte do tempo no navio maior, em mar aberto, perto de São Vicente (pois a ilha de *Goiáó* possuía outros povoados, não só o de Santos), porque seu navio era muito grande e por isso não podia entrar no canal de Enguaguaçu.

A Vila de Santos antes era a mais rica e pacífica de todas as vilas da terra do Brasil.

Todos os dias muitos selvagens eram batizados e casados e, devido aos diligentes esforços dos jesuítas, a vila não possuía escravos índios, apenas escravos negros da Guiné<sup>31</sup>. Os índios cristãos trabalhavam por vontade e por salário, como faziam os portugueses e mamelucos. Agora era a vila uma ruína e tinha tanto valor como qualquer outro local deserto da imensa costa desta ilha.

Esse ataque trouxe grande pobreza aos habitantes, fazendo com que muitos se mudassem para Piratininga, uma vila fundada pelos jesuítas e por dois chefes índios de nome Tibiriçá e Caiubi, onde havia uma pequena, porém próspera, aldeia de mamelucos cuidada por jesuítas. E eram esses mamelucos todos filhos e netos de um homem português de nome João Ramalho, que casara com *Bartira* e muitíssimas outras índias filhas de chefes tribais. E a vila

---

<sup>31</sup> A antiga Guiné Portuguesa, atual Guiné-Bissau, era fonte de escravos negros para todo o mundo.

era pequena e ficava entre os ribeirões chamados *Tamandua-te-í* e *Anhangabaú*.

Outros de Santos, mais tarde, partiram em bandos<sup>32</sup> rumo ao sertão para fazer escravos os selvagens de outras tribos para depois vendê-los a fazendeiros desta e de outras capitanias.

Frei Antônio e os jesuítas lutavam muito contra a maldade dos portugueses que cruelmente escravizavam e maltratavam selvagens de outras tribos (porque apenas não escravizavam seus aliados, os tupiniquins) como a dos tamoios, carijós, guaianás, tapuias e outros. E muitos dos portugueses odiavam os padres, porque os censuravam.

Como muitos selvagens escravos frequentemente eram protegidos pelos jesuítas e também fugiam de seus senhores para as florestas, que tão bem conheciam, eram esses escravos muito mais baratos que os negros de Guiné, porque poucos destes fugiam e eram diligentes nos trabalhos pesados.

E tinham os jesuítas como pecadores os que maltratavam os selvagens do Brasil, de qualquer tribo que fosse, porque a todos queriam fazer cristãos livres e não escravos. E para catequizar esses índios veio esta Companhia de Jesus dos jesuítas para esta terra. E batizavam muitos todos os dias e celebravam muitos casamentos.

Vendo as destruições desses piratas e as misérias materiais e espirituais do povoado, o coração desse frei

---

<sup>32</sup> As famosas bandeiras dos bandeirantes.



Antônio muito se entristeceu. Já era homem de idade, mas não lhe faltava bom ânimo, apesar do longo cárcere. Sobre os escombros da capela jurou que a vila seria reconstruída e que a paz seria restabelecida ali. Em voz de profecia, disse a todos que Cavendish seria morto por uma flecha envenenada de índio e que seus homens morreriam de fome no mar. Disse que uma outra igreja seria construída em honra a Santa Catarina de Alexandria para substituir a capela destruída, desta vez no topo do outeiro (porque a que foi destruída ficava ao pé do monte). Disse que a imagem de Santa Catarina de Alexandria<sup>33</sup> jogada ao mar pelos piratas seria encontrada no futuro e devolvida à igreja e que a Vila de Santos voltaria a crescer material e espiritualmente, e estaria ainda entre as maiores estrelas da costa da terra do Brasil.

Ficaram esses ingleses dominando a cidade por cerca de dois meses sem nenhuma resistência das autoridades de El-Rei Dom Felipe I de Portugal. Então partiram os piratas em seus corsários seguindo, com exceção de um deles, rumo ao sul com destino ao Estreito de Magalhães. O navio onde estava o ouro, que era comandado pelo próprio Cavendish, seguiu em sentido oposto, margeando a costa, sentido Cabo Frio. Pretendia mais tarde unir-se às demais naus.

E dois dos tupinambás embarcaram com os piratas e nunca mais retornaram.

---

<sup>33</sup> A imagem de Santa Catarina de Alexandria, que foi lançada ao mar pelos piratas de Cavendish no século XVI e depois encontrada por escravos, está hoje no Museu de Arte Sacra de Santos.

Antes de se apagarem as chamas que queimavam a capela, frei Antônio saiu pela costa seguindo, por muitos dias, o navio de Cavendish (aquele que carregava o ouro), andando sozinho, pois apesar de na época já não ser mais homem jovem, mas velho, tinha o mesmo dom de *Abarebebê*<sup>34</sup>, com quem muito andou, percorrendo muitas praias, atravessando florestas, subindo e descendo altas montanhas sem temer os tupinambás canibais, que ainda viviam naquelas matas. Ele tinha a infinita fé no poder que vem do alto e que com esse poder recuperaria o ouro roubado pelos ladrões, para assim reconstruir a Vila e retomar a paz que outrora usufruíam. Queria, com o dinheiro, reconstruir a igreja e construir um forte para combater corsários e piratas de várias nações (França, Espanha, Inglaterra e outras), que não raro atacavam a Vila e espalhavam o medo e a miséria.

Conseguiu acompanhar o navio, porque este seguia lentamente já que, pela intercessão de Santa Catarina, o vento não lhe era favorável. Contou que o navio de Cavendish ancorou de frente a uma ilhota perto de um local chamado *Brikioka*<sup>35</sup>, que fica a duas léguas do povoado de Santos, onde permaneceu por dois dias. Na ilhazinha desembarcaram alguns homens, porém não deixaram ali grande tesouro. Conta o frade que ouviu tiros de arcabuz e viu um marinheiro ferido que fugiu a nado da ilhazinha para o continente e depois pela mata adentro.

---

<sup>34</sup> Abarebebê era o apelido do padre jesuíta Leonardo Nunes que, segundo os índios, podia voar. A palavra *abarebebê* significa “padre voador”. Segundo o narrador, o padre Gonçalo Antônio possuía também esse dom. Há relatos de que o Padre José de Anchieta também levitou certa vez diante dos índios.

<sup>35</sup> Hoje Bertioga, litoral de São Paulo.

Consta que ali também enforcaram um português que era prisioneiro.

Seguiu depois o navio margeando a costa e, dois dias mais tarde, novamente parou numa enseada sombria, chamada pelos selvagens *'Anga Kûa*, numa ilha chamada *Maembipe* pelos tupinambás. Navios ancorados em *'Anga Kûa* não podiam ser vistos do mar (por isso era o local utilizado como esconderijo e emboscadas), e por lá ficou esse navio corsário escondido por alguns dias.

Com a habilidade que antes havia aprendido com os tupiniquim, o frade construiu uma jangada com trinta e sete canas de bambu e com ela conseguiu atravessar o canal de água (também chamado de *Maembipe*), que separa o continente da dita ilha. Lá, ele permaneceu escondido, sem nunca ter sido visto pelos piratas.



## Capítulo 9 – Parte 4

### Como o frade descobriu o esconderijo dos piratas

Escondido na floresta, se alimentando de frutas e peixes, frei Antônio viu quando vários homens de Cavendish desembarcaram em *'Anga Kûa* o ouro roubado. Era muito ouro, tanto que levou um dia inteiro para trazer para terra firme todo o ouro do navio. Percebeu então o frei Antônio que eles desembarcavam não somente o ouro da ilha de Goiaó, mas também o fruto de outros roubos. Somente três homens ficaram em terra para esconder a carga preciosa, um deles era um índio tupinambá que havia embarcado com eles desde Santos. Um dos três homens, o chefe, tinha um ferimento no braço. Com muita cautela, frei Antônio os seguiu sem ser notado e viu o local onde enterraram o ouro da Vila de Santos e o fruto de outros roubos. Depois de 28 desembarques, finalizaram a retirada de toda a carga. Fizeram 28 viagens do local do desembarque até o local do esconderijo, até que terminaram sua obra. E esconderam as peças perto da costa, na subida de um morro.

Contou o frade que, enquanto estava escondido atrás das árvores, viu quando o chefe (frei Antônio suspeitava que este era o próprio Cavendish) matou com

arma de fogo os dois outros homens que o haviam ajudado a cavar o poço e esconder o ouro, enquanto eles dormiam em suas redes. E um dos que matou era da nação dos tupinambás, vestindo roupas como dos ingleses. O malvado não queria que ninguém, além dele, soubesse onde estava o ouro. Naquele mesmo dia, o assassino embarcou na nau e não tardou para partir dali seguindo para o sul rumo ao Estreito de Magalhães.

## Capítulo 9 – Parte 5

### Como o frade foi capturado e depois solto pelos tupinambás

Frei Antônio queria desenterrar o ouro e levar tudo de volta para a Vila de Santos ou esconder em outro local para que os piratas nunca mais o encontrassem, porém precisava de ajuda, já que o ouro era muito e estava enterrado fundo, não conseguiria fazer isso sozinho. Naquela mesma noite, enquanto dormia em sua rede, foi acordado por um grupo de selvagens tupinambás guerreiros que por ali passavam e o viram, porque havia feito fogo para secar suas roupas e estava nu. Julgaram os índios que o padre havia matado o índio que estava morto ainda em sua rede (o padre tinha enterrado um dos mortos, mas não teve forças para enterrar o outro, que era o índio, naquele dia, intentava fazer isso no dia seguinte, ao amanhecer). Exigiam os selvagens que o padre lhes entregasse o *arcabuz*<sup>36</sup> (que chamavam de *mokaba*) utilizado para matar o homem. Um deles dizia em sua língua:

“*Mokaba, mororokaba, tasepiak tauie!*”, que quer dizer: “Quero ver as armas!”.

---

<sup>36</sup> Antiga arma de fogo portátil.

Não acreditaram nele quando disse que os homens do navio mataram o índio, não ele, portanto não possuía arma de fogo. E Cavendish havia levado as armas dos homens que matou, de modo que não havia ali armas de fogo.

Os dois tupinambás parcialmente desenterraram o homem que o padre havia enterrado e viram que ele dizia a verdade, e por isso decidiram levá-lo para sua aldeia em vez de matá-lo ali mesmo. Frei Antônio falava muito bem a língua dos nativos, mas não conseguiu convencê-los a deixá-lo em paz. Tentou convencê-los a enterrar os mortos e rezar por suas almas, mas eram rudes e não permitiram.

Ele foi levado à força, nu e amarrado até uma aldeia muito distante chamada por eles de *Gecay*, que ficava no sertão de Cabo Frio, onde havia uma comunidade de selvagens tupinambás. Lá, planejavam matá-lo e devorá-lo como faziam com os prisioneiros, porque era português e suspeito de ter matado um de seus irmãos tupinambá.

Ainda em Maembipe, desceram até *'Anga Kûa* e depois viajaram de canoa até uma praia a muitas milhas dali. Dali, caminharam várias léguas sertão adentro, até a aldeia de *Gecay*. Evitavam os tupinambás habitar próximos à costa devido à inimizade com os portugueses, que os matavam ou aprisionavam se os pegassem.

Esses tupinambás são do grupo dos tamoios, inimigos dos portugueses e de seus aliados, e a maior parte deles foi destruída numa terrível guerra ocorrida anos antes no Rio de Janeiro, quando dali foram expulsos



também os franceses que com eles tinham aliança. São esses tamoios devoradores de homens, e frei Antônio corria risco de ser por eles devorado. Geralmente, não matavam os padres (que chamavam de *abares*), nem mesmo os portugueses, porque admiravam muito sua bondade, porém, por causa da matança do Rio de Janeiro, seu ódio pelos portugueses era tanto, que nem mesmo os *abares* (padres) agora eram poupados.

Milagrosamente, porém, frei Antônio ganhou a admiração do chefe deles quando salvou uma mulher grávida, que já era tida como morta, porque sofria de uma doença que chamavam de *membyrasy* (e nenhum curandeiro deles pôde curar a mulher ou fazer o parto). Contou que dentro de uma grande casa ou *oca* viu que 22 selvagens formavam um círculo ao redor da pobre mulher que agonizava. E cantavam e dançavam num ritual mágico ao redor da moça para assim tentar curá-la.

O padre entrou no círculo enquanto ainda cantavam, e com a ajuda dos poderes do alto conseguiu fazer o parto e salvar a mãe e seu filho, que já sofriam havia dois dias, porque a criança estava invertida na barriga. E ficaram os índios muito impressionados também porque o padre sabia que havia esta mulher doente sem ter eles dito a ele que ela sequer existia. E o padre sabia em que casa ela estava sem antes ter sido informado por alguém. Por admiração e gratidão a esse feito milagroso, o *morubixaba* (que é chefe, em sua língua) o perdoou pela morte do índio (porque julgava que o padre havia matado o índio de roupas, não acreditavam que fora Cavendish) e assim permitiu que frei Antônio fosse embora, se assim desejasse.



## Capítulo 9 – Parte 6

### **Como, com astúcia, frei Antônio descobriu Itanhiã Kuara e ali guardou o ouro**

O padre ficou alguns dias entre os selvagens tentando convencê-los a acompanharem-no até Goiaó. Nada disse a eles sobre o ouro do Poço dos Piratas, porém intentava usá-los para desenterrá-lo do poço e carregar tudo até a Vila de Santos. Os índios veementemente se negavam a segui-lo até Goiaó de medo dos *perós* (que era como chamavam os portugueses), seus inimigos mortais.

Em muitas conversas que teve com eles, acabou descobrindo, como secretamente intentava, que na ilha de Maembipe havia um local amaldiçoado, chamado por eles de *Itanhiã Kuara*. Era uma caverna ou buraco onde, segundo eles, quem entrava não saía mais. Contaram que ali era a moradia de um gênio do mal (que chamavam de *Anhangá*) que cantava sem parar ou sem parar para respirar, como diziam. Disseram que todos os selvagens passavam longe dali, todos tinham medo de chegar perto.

Relataram que índios de pele branca da nação dos Aimoré<sup>37</sup> haviam habitado por um tempo nas florestas de

---

<sup>37</sup> Veja o livro 'Relatos do Brasil do século XVI' para mais informações sobre os aimorés.

Maembipe na área de Itanhiã Kuara e que fizeram daquela caverna um local mágico onde morreram vários dos tupinambás (todos os que ali entraram nunca mais saíram). Disseram que esses aimorés deixaram demônios naquele local e desde então nenhum tupinambá ousou entrar ali. Disseram ser esses aimorés uma tribo diferente que falava um idioma diferente. Possuíam maracás que apitavam (ou que faziam forte barulho), os quais depositaram dentro da caverna.

Frei Antônio havia muito buscava em toda a costa, na terra que antes era dos tupinambás (e por isso escolhera pregar o evangelho na capitania de São Vicente), uma caverna onde estariam depositadas certas peças muito antigas do Povo das Máquinas, conforme relato de seu antigo mestre Leonardo Nunes. Depois de ouvir o relato dos índios, pensou que talvez estivesse em *Itanhiã Kuara* aquilo que havia muito procurava.

O frade, homem muito sábio e astuto, logo pensou que aquele buraco assombrado (*Itanhiã Kuara*) seria um local apropriado para esconder o tesouro, já que a superstição dos nativos os impediria de ir ali pegar o ouro, mas precisava da ajuda de alguns homens, já que o ouro era muito e não conseguiria carregar tudo sozinho, porque era já homem velho de dias. Ele então conversou com o chefe. Disse que entraria na caverna de *Itanhiã Kuara* e sairia sem ferimentos, já que Tupã lhe daria poder para tal, assim como lhe deu poder para salvar a mulher que não conseguia conceber seu filho. Prometeu que Tupã daria muitos presentes para o chefe, porém precisaria levar com ele alguns de seus homens para transportar os presentes. O chefe pensou sobre a proposta do padre e consultou outros

selvagens e seus respectivos *maracás* (que são seus chocalhos mágicos). O chefe acabou concordando, depois de ter tido um sonho (porque eram muito influenciados por seus sonhos), com a condição de que seus homens não entrariam na caverna, se não quisessem. Três homens jovens e fortes foram por ele designados a seguir o frade e trazer os presentes. E insistiam em dizer que não iriam até Goiaó (que é onde está Santos), mas somente até *Itanhiã Kuara*, em Maembipe.

E fez o padre forte amizade com um jovem índio chamado *Aruguá* dali que, por vontade própria, desejou segui-lo. E foi Aruguá autorizado a seguir o padre com outros dois selvagens.

Intentava o padre, com a ajuda dos três índios, retirar o ouro do buraco onde Cavendish o havia escondido e depositá-lo em local secreto (*Itanhiã Kuara*) para mais tarde voltar e apanhar tudo, pois viu que não conseguiria transportar tudo para Santos naquela ocasião. Dessa forma, Cavendish jamais colocaria suas mãos no ouro de Santos novamente.

Partiram de canoa na manhã de um dia nublado e navegaram vários dias até Maembipe do lado que dá para o mar aberto.

No meio do caminho, antes de chegar a Maembipe, quiseram os selvagens apanhar água mágica do rio *Karijo-óca*<sup>38</sup>, que diziam dar a eles grande força para remar. E subiram o rio à noite para não ser vistos pelos portugueses e mamelucos que ali vigiavam. E depois de

---

<sup>38</sup> Rio Carioca. Fica na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

beber a água remaram com grande vigor por muitas horas sem se cansarem por causa do poder mágico da água daquele rio.

Desembarcaram numa praia em Maembipe e depois de algum tempo de caminhada floresta adentro, começaram a ouvir um som de apito constante. Quanto mais perto da fonte do apito, mais medrosos ficavam os selvagens.

Sentiam que se aproximavam da casa do diabo, local que chamavam de *Itanhiã Kuara*.

Por causa do medo, os selvagens não quiseram se aproximar da caverna. Frei Antônio entrou sozinho amarrado a uma corda de taquara, por proteção, porque era fundo e podia despencar. Depois de muito tempo lá dentro, saiu em boa saúde. Relatou mais tarde que era um local perigoso e traiçoeiro e que é preciso ter muito cuidado ao entrar lá. Quando ele saiu da caverna, os selvagens, que já partiam na canoa porque julgavam que o padre havia morrido, ouviram seu chamado e voltaram e o reverenciaram muito, como se ele fosse um feiticeiro poderoso. Diziam que só um poderoso feiticeiro poderia sair vivo de *Itanhiã Kuara*.

Sua intenção agora era ir até o local onde Cavendish havia escondido o ouro de Santos, local chamado de Poço dos Piratas ou do corsário.

Para saber o caminho até o Poço dos Piratas (porque o padre não sabia ir ao poço partindo de onde estavam), navegaram na canoa até *'Anga Kûa*, que era a menos de uma légua daquela praia.

Frei Antônio e mais três dos selvagens pararam a canoa em *'Anga Kûa*. E ali iam os selvagens seguindo o frade, porque não eram eles os que o haviam capturado, por isso não conheciam o local de sua captura próximo ao poço do corsário. Viajaram até o poço do corsário onde Cavendish havia escondido o ouro. Encontraram o terreiro, porque as caveiras dos homens mortos marcavam o local. E perceberam os selvagens que o local ficava pouco tempo de caminhada de *Itanhiã Kuara*, porque era descida, mas a subida podia demorar mais. Quando avistaram os ossos dos homens mortos, os selvagens gritavam:

*“Kanguera abá, kanguera abá”*, que significa *“caveira de homem”*, porque, de longe, avistaram os ossos do pirata e do selvagem que haviam sido assassinados por Cavendish perto do local onde estava enterrado o tesouro.

Ali, o padre encontrou suas roupas e as vestiu, porque até então andava nu desde quando capturado, não permitindo seus captores que levasse o padre suas vestes, as quais intactas secavam sobre uma árvore desde o dia de sua captura.

Lançaram os ossos na mesma cova, antes aberta pelo padre, e cobriram com terra. Isso fez o padre por respeito às suas almas. E rezou ali uma reza para o bem das almas dos mortos.

Depois de difícil trabalho, porque chovia forte e não possuíam boas ferramentas, os selvagens conseguiram remover boa parte das pedras e terra do Poço dos Piratas, porém o ouro ainda não estava visível quando pararam os trabalhos para comer e dormir. E não sabiam os índios

naquela ocasião o que estava escondido na terra e nem conheciam a intenção do padre de carregar o ouro até *Itanhiã Kuara*. Pensavam que buscavam os presentes que o padre havia prometido ao chefe.

Naquela noite, enquanto dormiam, ouviram um grande estrondo na floresta. Era o som como que de um trovão seguido de grande avalanche de pedras das montanhas. Apavorados, os índios quiseram fugir e assim fizeram, com exceção de Aruguá, que o padre conseguiu a muito custo convencer a ficar. Julgavam que o grande estrondo era sinal de que não deveriam permanecer próximo a *Itanhiã Kuara*. E, assim, sem esperar amanhecer, foram embora os outros dois índios sem nunca terem visto o ouro e sem levar os presentes que o padre havia prometido entregar ao seu chefe. E voltaram para Cabo Frio levando a única canoa que haviam trazido.

No dia seguinte, o padre e Aruguá reiniciaram os trabalhos no Poço dos Piratas e logo tiraram as pedras, e lá estavam as peças de ouro. Havia ali uma quantidade muitíssimo grande de ouro. E havia também peças de prata e outras pedras preciosas. O colar e as máquinas roubados do padre também estavam ali escondidos.

Trabalharam durante três dias subindo o monte carregando o ouro do poço de *Kanguera Abá* até *Itanhiã Kuara*. Num dia subiram 25 vezes, no outro, também 25 vezes e no último, 14 vezes, sempre pisando sobre as rochas, tentando não deixar pegadas. E seguiam por caminhos diferentes para diminuir as marcas no chão e assim despistar os piratas, que por certo procurariam o novo paradeiro do ouro. E cuidadosamente o padre



depositava o ouro dentro da caverna, nas beiradas da grande pedra em forma de coração (por isso chamavam o local de *ita-nhiã*, que quer dizer *pedra coração*).

E não eram acostumados esses índios a trabalhos forçados, porque tudo de que necessitavam pegavam sem grandes esforços na floresta, que tudo dava em abundância em qualquer época do ano (porque nesta terra do Brasil as árvores são sempre verdes, mesmo no inverno), e tinham a atividade da caça como diversão e não como trabalho enfadonho. E rapidamente enjoavam de trabalhos forçados, por isso não davam bons escravos aos portugueses; mas mesmo assim Aruguá trabalhou sem reclamar e fazia de boa vontade. E teve Aruguá coragem de entrar no buraco de *Itanhiã Kuara* para ajudar o padre (porque sozinho não poderia ter ele depositado lá o ouro). Os outros índios jamais teriam entrado no buraco, por medo do diabo que julgavam habitar ali.

Não depositou o padre ouro no centro da pedra, somente nas beiradas, de tal maneira que formou um grande anel com montes de peças de ouro e prata. E mais adiante descreverei como era essa caverna, por que apitava e também quão traiçoeira era.

E com muitas histórias, o padre animava Aruguá a continuar, e o índio ouvia atentamente seus contos e pregações, porque era muito curioso. E foi este jovem índio catequizado durante aquelas idas e vindas pela mata, sendo que mostrava ele grande interesse pelo evangelho cristão. E mais tarde foi ele batizado depois de concordar em abandonar a prática do canibalismo.

Comer os inimigos era para esses índios a maior de todas as honras, e muitos negavam o cristianismo porque não queriam abandonar essa prática, que era tradição antiquíssima, porque comiam seus prisioneiros de guerra desde remotos tempos passados.

Quando o padre achou que já havia pegado e escondido todo o ouro que havia sido roubado pelos piratas, fez com que Aruguá pegasse para ele quanto de ouro pudesse carregar do Poço dos Piratas, pois ainda havia muito ouro ali. Ensinou-lhe que poderia trocar o ouro por anzóis, facas e outros utensílios (que para eles valiam mais que ouro). Pegou Aruguá o quanto podia carregar para levar de presente a seu chefe. Usando da alta estima que conquistara dele, instruiu-o que o ouro depositado por eles em *Itanhiã Kuara* pertencia a Tupã e não deveriam mexer lá nem dizer a ninguém que haviam levado o ouro lá, ou seriam destruídos por Anhangá. Disse que nem ele nem nenhum de seus irmãos deveriam voltar ao Poço dos Piratas, porque ali poderiam se deparar com homens malvados que os matariam com armas de fogo.

Antes de irem embora, cobriram com pouca terra o Poço dos Piratas (e ficou ainda uma grande depressão no chão) e na beirada colocou o padre uma pedra. Nessa pedra escreveu, riscando a rocha com uma faca, em latim: “*publicus pacis pretium est unique virtus*”, que significa “o preço da paz é a virtude”.

### **Nota de José de Marrocos**

E a pedra mencionada acima é a pedra, ó senhor Cantanhede, que te envio com este livrinho.

E foi assim que frei Antônio escondeu o ouro roubado pelos ladrões dos mares, segundo as anotações de Manuel Gaia, de Santos. E todas essas coisas estão escritas no *Diário de Arará Posanongara*.

Depois de esconder o ouro, o frade e o selvagem permaneceram na ilha ainda por muitos dias, viajando por todos os altos montes e praias em busca de signos matemáticos. E fez o frade muitos registros em pele de cordeiro que trouxera consigo, para saber mais tarde como chegar até aquele local chamado *Itanhiã Kuara*. Deixou, também, em vários locais circunvizinhos a *Itanhiã Kuara* sinais em rochas para indicar a exata localização do tesouro. Utilizava ele signos matemáticos que só poderiam ser decifrados por alguém que possuísse suas anotações ou conhecedor das artes matemáticas dos jesuítas, que ele tanto estudara e conhecia. E utilizava os signos de *Gerbert d'Aurillac*<sup>39</sup>, o Papa.

O índio Aruguá, que fora feito cristão, acabou por seguir o frade até Santos. Lá chegando, foi acometido da doença chamada *bexiga*<sup>40</sup>, de todas a maior assassina dos selvagens. Foi milagrosamente curado depois de uma reza feita pelo frei Antônio. Dois dias depois de ser curado, foi o índio assassinado por um homem de Martim de Sá, que era um sanguinário caçador de índios. E roubou do índio

---

<sup>39</sup> Papa Silvestre II (c. 946-1003), conhecido como o Papa dos Números por ter adotado os números arábicos (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9).

<sup>40</sup> Varíola.

suas peças de ouro e fugiu. E Aruguá não disse ao homem onde pegara o ouro. E morreu Aruguá abraçado a uma cruz de pedra.

E arrependeu-se o padre de ter trazido o índio.

## Capítulo 9 – Parte 7

### Como o padre levou os Gaia a Itanhiã Kuara e de lá nunca voltou

Depois de transportar muito do ouro de Cavendish do poço onde os piratas o haviam escondido até essa caverna secreta chamada *Itanhiã Kuara*, que ficava na ilha de Maembipe, o padre fez marcações e registros nas pedras para mais tarde poder uma pessoa encontrar o local onde estava o ouro lendo esses registros e cálculos e observando a posição das pedras cuidadosamente marcadas e posicionadas.

E enquanto fazia o padre suas marcações e registros, o índio Aruguá construiu uma canoa com a qual viajaram para Santos.

E voltou o padre para Santos na canoa feita por Aruguá, aquele que com ele entrou em *Itanhiã Kuara*.

Na viagem de volta, carregava o padre alguns objetos antigos que recuperara dos piratas, porém devido a terríveis dores nas costas, não os pôde mais carregar e os enterrou pelo caminho já desde Maembipe. E registrava cuidadosamente onde os havia escondido, para mais tarde poderem ser por alguém resgatados. Não trouxe nenhum

ouro consigo, apenas o colar de ouro vermelho e as máquinas, que havia recebido do padre Leonardo Nunes, que acabou escondendo-as ao longo do caminho até Piratininga. E por algum motivo desconhecido não deixou que Aruguá o ajudasse a trazer as máquinas, preferiu escondê-las quando viu que, devido a dores, não mais as podia carregar no bernal.

Antes de chegarem a Bertiooga, uma tempestade os obrigou a sair do mar e então caminharam até Santos. Ali morreu Aruguá assassinado por um caçador que cobiçou e roubou suas peças de ouro que trouxera do Poço dos Piratas. E seu sangue manchou o cruzeiro da capela de *Guaru-ya*<sup>41</sup>. Depois, caminhou o padre sozinho até Piratininga onde, com grande alegria, encontrou seus filhos com saúde, aos cuidados dos jesuítas.

Contou-lhes reservadamente que havia escondido o ouro e a ninguém mais contou sobre o resgate do ouro nem sobre sua localização. Quis imediatamente levá-los até *Itanhiã Kuara* para que o ajudassem a trazer o ouro de volta para Santos.

Levou, portanto, o frade os irmãos Evaristo, Agostinho, Miguel e Manuel (Átila, o segundo filho, não quis ir), ainda crianças, a pé, numa viagem de muitos dias, até o local exato onde havia escondido o ouro roubado pelos piratas de Cavendish.

Antes de partir com os irmãos Gaia nesta viagem

---

<sup>41</sup> Guarujá, que está na Ilha de Santo Amaro. Esse cruzeiro de pedra (Cruzeiro da Capela de Santo Amaro, Guarujá, 1542) está no Museu Paulista ou Museu do Ipiranga, na cidade de São Paulo.

para resgatar o ouro, frei Antônio lhes disse que voltariam trazendo muitas peças de ouro e prata, por isso levaram consigo grossos bornais de pano para carregar tanto ouro quanto pudessem. Ele lhes disse que trariam apenas uma pequena parte do ouro, mas já seria o suficiente para, entre outras coisas, alugar um barco para mais tarde trazer o restante. Seu objetivo era reconstruir a igreja e os engenhos destruídos pela turba de Cocke, que trouxera enorme miséria às famílias de Santos, e assim impedir que muitos de Santos saíssem nos bandos<sup>42</sup>. Ele queria trazer de volta a prosperidade da vila, que estava destruída. Nunca pensava em si mesmo, tudo o que fazia era pensando nos outros.

Ficou em Piratininga por alguns dias e, no dia 16 de outubro de 1592, partiu com os filhos até Santos, margeando o rio chamado pelos selvagens de *Anhangabaú* (que era o rio das muitas assombrações) e de lá seguiram para a ilha de Maembipe, acompanhando sempre o mar. Mesmo sendo um homem já de idade, parecia nunca estar cansado e muitos jovens não tinham sua disposição para as boas obras.

Durante essa viagem, frei Antônio fez muitíssimas anotações das paisagens, para que qualquer de seus filhos soubesse mais tarde percorrer aquele mesmo caminho e saber onde estava o ouro apenas observando seus registros. Guardava suas anotações numa canastra de couro que sempre carregava consigo. Manuel o ajudava nos desenhos porque, mesmo menino, já era muito hábil na arte de desenhar.

---

<sup>42</sup> Bandeiras.

Um dos irmãos, de nome Átila, na época da viagem com 17 anos, não quis viajar. E era Átila já noivo de uma moça de pais portugueses de Santos, parente de um rico homem de nome Brás Cubas. Era Átila um rapaz inteligente, letrado (tendo tudo aprendido com o frei Antônio) e hábil nas palavras; por isso, no mesmo dia em que chegou a Piratininga foi já contratado como escritor de carta de um oficial do vice-rei Antônio Coelho de Aguiar. Tinha esse moço ambição de tornar-se pessoa importante. Por essas razões, não julgou ele ser sábio arriscar sua vida no mato em busca de um tesouro que seria utilizado para reconstruir Santos, preferiu permanecer em Piratininga.

E repreendia Átila aquele a quem chamava de pai, o frei Antônio, por não ter trazido nenhuma amostra do ouro para provar que o ouro de fato existia e era de boa qualidade. Dizia que se trouxesse somente o que era capaz de carregar com as mãos, poderiam alugar cavalos ou burros para auxílio durante a longa viagem, e até alugar um barco para irem pelo mar. Mas, por algum propósito misterioso, o padre julgou por bem não carregar consigo nenhum ouro.

E tentava Átila convencer o padre que era loucura levar os meninos pelo mato, pois poderiam morrer devido aos muitos perigos da floresta. Está registrado que o padre lhe disse: “Se voltarei desta viagem, não sei, mas teus irmãos voltarão vivos e, pela divina intercessão de Santa Catarina, terão o poder para restabelecer a paz em Santos. E o menor deles será maior que tu”. E gargalhou Átila diante do padre, que o censurava. Veremos mais adiante que era esse padre um profeta.



Partiram sem demora o padre e seus filhos, os irmãos Gaia, mato adentro, numa longa viagem, caminhando até essa ilha chamada Maembipe, onde o frade havia antes escondido o ouro no local chamado *Itanhiã Kuara*.

É com pesar que informo que esse bom pai, frei Antônio, nunca voltou dessa viagem, já que morreu nos braços de Agostinho, vítima de picada de cobra na noite em que chegaram na entrada da caverna de *Itanhiã Kuara*, onde estava guardado o ouro. Relata Manuel em seu diário as palavras de Evaristo: “As palavras não podem expressar a dor que sentimos na ocasião, por perder a companhia daquele que era nosso pai e mãe e que tanto amávamos. Meu coração, que já possuía dois ferimentos não cicatrizados (por causa da morte de seus pais), parecia que desta vez não suportaria”.

A dor e o desespero que sentiram ao ver seu papai morto era algo tão profundo, que esqueceram do tesouro. Não tentaram nem sequer entrar naquela obscura caverna misteriosa para ver o ouro. Eram quatro crianças sozinhas, em volta de um defunto, no meio de uma floresta hostil, povoada por selvagens devoradores de homens e outras feras, e estavam havia muitos dias longe de sua casa, se é que ainda tinham uma casa. Tudo o que queriam era voltar para Piratininga.

Relata Manuel em seu diário que pouco antes de morrer nos braços de Agostinho, com as poucas forças que ainda tinha e que sumiam rapidamente devido ao efeito do veneno da cobra, frei Antônio entregou suas anotações das viagens e os registros escritos em pele de cordeiro (que

guardava numa canastra) para Manuel (que era na época um garoto de 13 anos). Deu-lhes também uma instrução muito estranha, que só mais tarde foram compreender o significado. E choravam os moços vendo seu pai com dificuldade para respirar, porque morria. Pegou de sua bolsa um longo laço de corda e pediu que Agostinho, Evaristo e Manuel ficassem encostados uns aos outros. Então pediu que segurassem a corda, sem nunca soltar, cada um num ponto marcado. Depois pediu que se afastassem, os três na mesma velocidade, esticando a corda até formar um triângulo de lados iguais; neste momento, deveriam os três, ao mesmo tempo, abaixar e pegar pedras no chão (pedras que representavam o ouro) e colocá-las nos sacos que cada um carregava. Fez com que girassem no sentido da esquerda para a direita, ao redor do ponto onde antes estavam reunidos, os três na mesma velocidade, e depois se reunissem no centro novamente, sempre os três na mesma velocidade, com os sacos cheios de terra e pedras. Pedia que repetissem várias vezes esse ato, de forma sincronizada, era como um ritual dos selvagens. Disse que deveriam pegar o ouro dessa forma ou se machucariam e perderiam a vida e o ouro. Disse que Átila (que havia permanecido na vila) e Miguel deveriam ficar do lado de fora da caverna puxando os sacos de ouro com uma corda.

Com os raios do sol batendo em seus rostos, enquanto o sol se punha, o padre os fez jurar que, quando Evaristo completasse 20 anos, voltariam ali os cinco, liderados por Manuel, o mais jovem. E falou mais o frade no ouvido de Manuel, mas não ouviram seus irmãos estas palavras porque as falou somente a Manuel. E falou-lhe sobre as máquinas de *Viracocha* e o colar, onde estavam

escondidos e sobre símbolos matemáticos, mas sobre isso ninguém sabe ao certo porque não está escrito, mas me contou Joana Medeiros.

Disse a todos que somente Manuel não seria capaz de pegar o ouro. Disse que se ficassem unidos, com certeza conseguiriam pegar o ouro e reconstruiriam Santos e a igreja. Então perceberam que não respirava mais. Morreu. E choraram em desespero pela dor da perda e também porque a noite se aproximava e estavam sozinhos e muito longe de casa.

E assim sofreram esses meninos que pela segunda vez perderam o pai.



## Capítulo 9 – Parte 8

### Como os Gaia voltaram para Santos

Deixaram o corpo do frade ao lado da entrada da caverna onde, segundo o testemunho do frade falecido, estava o ouro, e o cobriram com terra e folhas. Deixaram seu estimado terço sobre sua sepultura rasa e voltaram o mais rápido que puderam para a vila beirando a praia, seguindo a trilha dos jesuítas. Relata Manuel que, diferente da viagem de ida que lhe pareceu tão prazerosa (testifica em seus escritos que frei Antônio tinha sim o dom de *Abarebebê*), a viagem de volta foi muitíssimo longa e dolorosa. Sentiram frio, fome, medo, dor e sangramento nos pés, porque seus calçados se despedaçaram e andavam descalços. Suas roupas também rasgaram e tinham a aparência de mendigos. Num riacho em Maembipe antes de cruzar o canal, encontraram um bom homem mameluco neto de João Ramalho que os alimentou, e ali rezaram com ele intensamente pela alma do frei Antônio, e fizeram uma cruz, e dali em diante aquele ribeirão chamou-se *Ribeirão do Frade* até o dia de hoje.

Levaram quase um dia para atravessar o canal de Maembipe na jangada que o frei Antônio havia feito na viagem de ida, o vento soprava contra e ficaram exaustos de tanto remar, e homem algum pode imaginar os terríveis

apuros que passaram ali. Durante a travessia do canal, Manuel perdeu a canastra de couro com as anotações feitas pelo frei Antônio, mas por medo dos irmãos, não revelou isso a eles naquela ocasião. Porém, desde que perdeu a canastra, começou a fazer seus próprios registros e desenhos dos locais por onde passavam, inclusive dos locais por onde haviam passado, conforme sua lembrança.

Por fim, conseguiram atravessar o canal, todos vivos.

Perto do forte de Brikioca, que é hoje é um povoado, Evaristo caiu muito doente, vítima de horrível queimadura na pele devido ao sol forte (pois tinha pele fraca) porque suas roupas haviam se rasgado e andava descoberto ao sol. Graças à sua fé em Santa Catarina, Agostinho não morreu e ficou bom depois de dois dias com febre muito forte.

Bertioga era um local muito visitado por canibais que vinham em busca de um grão chamado *abati* (milho), que era muito frutífero naquela época do ano e por isso tinham medo de fazer fogo à noite para não serem vistos, e como não faziam fogo, passavam muito frio. E só não morreram de fome devido à grande habilidade de Miguel de pescar peixes com a faca.

Voltaram vivos, porém muitíssimo mais miseráveis do que quando saíram: sem nenhum ouro e, o que mais os pesava, sem seu pai. Tantos sofrimentos passaram, que um outro longo livro poderia ser escrito relatando essa viagem de retorno de Maembipe a Santos.

Relata Manuel que a notícia da morte de frei

Antônio trouxe mais tristeza na Vila de Santos que as violências de Cavendish. Vemos assim quão querido era aquele santo frade naquela vila.

E foram os meninos muito bem acolhidos por uma família de pobres pescadores de São Vicente, que os alimentaram e vestiram.

### **Nota de José de Marrocos**

Escrevo este livro graças às anotações e aos desenhos feitos por Manuel durante a viagem até o local do tesouro, viagem que ocorreu vários anos depois da morte do frade. Também retirei informações de algumas cartas que Agostinho escreveu a um amigo. Essas cartas também tratam de suas adversidades na busca do tesouro.

Procurei diligentemente em Salvador, Santos, Piratininga e São Sebastião saber se alguém podia me levar até esta caverna chamada *Itanhiã Kuara*, na ilha de Maembipe, para verificar se ali havia ainda algum ouro; porém, até onde fui informado, nunca ninguém, além dos Gaia, pôs os pés nesse lugar. Muitos dizem que o local nunca existiu e que toda essa história é uma lenda. Creio ser infrutífera qualquer tentativa de encontrar esse ouro.





## Capítulo 9 – Parte 9

### Como Átila repreendeu seus irmãos

Como todos do povoado de Santos, ficou Átila (aquele irmão que não os acompanhou até *Itanhiã Kuara*) muito triste pela morte do frade, porque verdadeiramente o amava. Mas repreendia seus irmãos por vários de seus atos. Questionava se realmente o frade havia morrido. Achava que ele poderia estar apenas desmaiado e eles o enterraram vivo. Dizia Evaristo que tinha certeza que ele havia morrido porque seu corpo estava frio e ele não respirava.

Dizia Átila que, se o frade realmente estivesse morto, deveriam ter enterrado corretamente o homem, porque numa cova rasa seria seu corpo profanado por feras do campo. Dizia que deveriam ter trazido parte do ouro, já que haviam viajado tão longa distância.

Repreendeu-os por terem ido nesta viagem, pois muito bem poderiam ter sido mortos, chegou a dizer que o padre era louco e sua loucura o matou. Dizia que a Providência o havia abandonado e por isso foi picado por uma serpente no calcanhar. Dizia que se deixou seduzir pelo *prêmio de Balaão*<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Veja Judas 1:11 e I Pedro 2:15 no Novo Testamento.

E tendo os irmãos relatado as palavras do padre de que deveriam voltar ao local para buscar o ouro, Átila se zangou dizendo que nunca iria ali e que eles também não deveriam acreditar nessas tolices, que a riqueza vem pelo trabalho e não por meio de tesouros de piratas escondidos. E assim os repreendia sempre que falavam do assunto.

Tinha Átila também ressalvas quanto à existência de oito barris cheios de peças de ouro que, segundo o padre, estavam escondidos em Santos. Dizia ser estranho o relato do padre de que era guardião de tamanha quantidade de ouro originário dos homens que vieram da estrada de São Tomé. Era, sim, verdade que peças de ouro e prata haviam sido encontradas no outro extremo da estrada, em terras longínquas. Por essa prata e esse ouro veio Martim Afonso de Sousa primeiro para São Vicente, porque ali iniciava a estrada de São Tomé até a serra de prata. Sabia Átila que o padre possuía algumas máquinas e também peças de ouro que seriam entregues a Lopo de Souza para fazer moedas e construir um engenho, porém era notório que somente os espanhóis puseram as mãos nas infinitas riquezas de Potosí, português algum as possuía. Segundo Átila, nunca havia sido visto muito ouro ou prata em Santos. Suspeitava ele que o padre fora, isto sim, em busca das suas máquinas antigas, para as quais a vida toda teve grande estima, essas sim, sabia ele, haviam sido roubadas por Cocke. Essa desconfiança de Átila revoltava sobremaneira todos os seus irmãos, pois jamais o frade lhes havia mentido, nem nas coisas grandes nem nas pequenas, porque os conhecia na intimidade. E era o frade homem íntegro, e por isso tinham certeza de que havia o ouro, pois confiavam plenamente nas palavras do frade.

E como morreu o índio que carregava peças de ouro que tirou do Poço dos Piratas e ainda foram elas roubadas, não havia ninguém que mostrasse a Átila que o ouro de fato existia. E os aconselhava a abandonar os planos de buscar o tesouro em terras dos tupinambás, porque era perigoso.

Como disseram que o frade havia feito um relato por escrito, ele pediu que lhe mostrassem o relato. Nesse momento, Manuel confessou ter perdido a canastra de couro enquanto atravessava o canal de Maembipe.

Dizia Evaristo, o mais velho dos moços, que Átila deveria ter ido com eles nessa viagem, pois dessa forma teriam sido mais razoáveis no proceder e teriam por certo trazido parte do ouro que estava em *Itanhiã Kuara*.



## Capítulo 9 – Parte 10

### Como viviam os Gaia em Piratininga

Quando o frei Antônio morreu, Agostinho estava com 14 anos de idade; Evaristo tinha 18; Miguel, 16 e Manuel, 13 anos. Átila estava com 17 anos, mas como já foi dito, não viajou com eles até o local onde estava o tesouro e onde foi sepultado o padre.

Logo após a destruição das lavouras e dos engenhos de Santos, os Gaia, juntamente com a maioria dos habitantes de Santos, mudaram-se para a Vila de São Paulo de Piratininga, na época chamada de “o Campo”. Era essa vila local muito próspero e seus habitantes, muito hospitaleiros. Havia ali muitos índios cristãos (porque os jesuítas os batizavam) e também mamelucos, que são filhos nascidos do casamento de índios com portugueses, principalmente João Ramalho, que possuía muitíssimos filhos que tivera com muitas índias. Era o principal sacerdote dessa aldeia um padre já idoso chamado Anchieta, que era tão querido ali quanto era em Santos o frei Antônio.

Acharam por bem os de Santos mudar-se para lá, pois as colheitas eram muitíssimo fartas e havia o suficiente para todos.

Com exceção de Átila, que passou a trabalhar para um oficial de El-Rei que morava na Vila de São Paulo, Manuel e seus irmãos moravam e trabalhavam na fazenda de cana e algodão de uma mulher índia rica chamada Susana Dias, neta do índio Tibiriçá (fundador da Vila de São Paulo), que possuía também engenhos.

Viviam muito bem em São Paulo, porque esta terra do Brasil é riquíssima em colheitas (a terra dá frutas, raízes e grãos o ano todo em grande abundância) e a fartura de peixes dos rios e do mar é muitíssimo grande. Era também muito rica em caça de vários animais silvestres. Viviam, portanto, muito bem todas as pessoas de São Paulo e não havia miseráveis entre eles.

De todos os irmãos, era Átila o mais próspero. Já possuía dois escravos, um era mouro e o outro, índio da tribo dos carijós (estes não comiam carne humana).

Como não eram discretos, todos na Vila já sabiam parte da história do ouro. Não sabiam, entretanto, onde estava o ouro, mas julgavam que os Gaia sabiam o local, pois não sabiam que Manuel havia perdido a canastra com as anotações de frei Antônio. Seus amigos de Santos muito os cobravam para que fossem atrás do ouro, para que pudessem, assim, voltar para Santos e reconstruir a vila, como era o desejo de seu estimado vigário Antônio.

Susana Dias não os deixou viajar em busca de ouro, conforme haviam jurado que fariam para o frei Antônio. Sua empregadora não acreditava que havia um tesouro deixado pelo frei Antônio. Achava que seria perda de tempo e insistia que deveriam esquecer aquela história.

Padre Afonso Braz, o vigário, também era contra a ideia e dizia que se fossem, não teriam a ajuda divina e morreriam no caminho. Dizia que frei Antônio delirava quando disse que havia um tesouro. E era esse padre Afonso o mesmo que ergueu a capela de Bom Jesus e mandou fazer a pia batismal<sup>44</sup> que guarda o número da Gênese das Máquinas.

Sabiam os Gaia, entretanto, que ninguém nesse mundo era mais sóbrio que seu pai, Antônio. Sabiam, apesar de nunca terem visto, que o tesouro existia.

---

<sup>44</sup> Essa pia batismal está hoje no Museu do Pátio do Colégio, na cidade de São Paulo.





## Capítulo 9 – Parte 11

### Como os irmãos brigaram antes de partir em busca do ouro

Quando estava com 21 anos de idade, Evaristo teve uma desavença com a dona da fazenda onde trabalhava, Dona Susana Dias. Por fim, ela expulsou de sua fazenda não só Evaristo, como Agostinho e Miguel, só poupando Manuel. Deixou-os na miséria. Átila, que ganhava um bom ordenado, ajudou os irmãos nesse período, não sem muito murmurar contra eles. Escreveu Agostinho em uma de suas cartas:

“Átila... nos ajudava, mas de muito mal grado [...] se sou ingrato com meu irmão, que os céus me perdoem nestas minhas últimas palavras, pois sem sua ajuda teríamos passado fome. Manuel também nos ajudou, mas este sim, de bom coração, pois sempre foi de sua natureza ser bom.”

E sonhavam voltar para Santos e juntar-se a seus amigos que lá deixaram.

Alguns meses depois de sair da casa de Susana Dias, foram contratados por Afonso Sardinha<sup>45</sup>, um

---

<sup>45</sup> Ver referência 18.

Almotacel<sup>46</sup>, chamado *o Velho*, homem muito rico, descobridor do ferro no morro *Araçoiaba*. Esse homem queria muito que os Gaia fossem num bando (bandeira) em busca de selvagens que seriam, após capturados violentamente, vendidos como escravos. Ele prometeu financiar os Gaia nesta empreitada. Devido à criação que tiveram com frei Antônio, eram os irmãos Gaia contra a caça de selvagens e não quiseram ir. Foi enquanto trabalhavam na fazenda desse seu Afonso, que ficava em terra de João Ramalho na borda do Campo, que Evaristo e seus irmãos começaram a se preparar e fazer planos para buscar o tesouro do frei Antônio, porque ali sofriam e eram tratados como se fossem escravos mouros, e desejavam muito voltar para Santos.

Já nos planos para a viagem, começaram as desavenças entre eles. Para melhor planejar a viagem, conseguiram com um navegador português um mapa da costa do Brasil. Esse mapa, porém, não continha os nomes das ilhas e dos morros como conhecidos pelos selvagens tupinambás e como anotados por Manuel, mas somente os nomes dados pelos portugueses às ilhas, baías e povoações da costa do Brasil. Como haviam anotado os nomes das ilhas e aldeias conforme a maneira de falar dos selvagens, tiveram muita dificuldade de identificar no mapa os locais onde haviam estado na ocasião da viagem até o local do ouro. Os índios (tupiniquins, carijós, tapuias etc.) que habitavam na aldeia de Piratininga não sabiam, com certeza, localizar a ilha de Maembipe no mapa nem conheciam o local chamado *Itanhiã Kuara*. Como teria sido mais fácil se tivessem as anotações e desenhos feitos

---

<sup>46</sup> Oficial municipal.

pelo frei Antônio, que foram perdidos por Manuel durante a travessia da ilha de Maembipe até o continente!

Manuel tinha suas opiniões sobre onde estaria o tesouro, porque havia feito anotações, mas como era muito jovem na ocasião da viagem, tinham seus irmãos o hábito de não levá-lo a sério.

Miguel e Evaristo achavam que a ilha de Maembipe, local onde deixaram o corpo do frei Antônio e onde estaria o ouro, era uma ilhota conhecida como ilha da Moela, perto de Bertioga, principalmente depois que um marinheiro mercenário que se dizia entendido em encontrar tesouros, um tal Francisco, lhes disse que estavam certos, ou seja, que sabia que o corsário Cavendish havia escondido um grande tesouro na ilha da Moela. Essa opinião não era unânime. Outra possibilidade era que Maembipe fosse a ilha conhecida pelos portugueses como Ilha de São Sebastião. Dependiam exclusivamente de suas anotações, memórias e das palavras desse Francisco, capitão de um barco, homem falante e metido a ser entendido, homem muito educado que parecia nunca se zangar. Não contaram a Francisco tudo o que sabiam sobre a história do ouro de *Itanhiã Kuara* nem lhe mostraram as anotações de Manuel, apenas o procuraram para saber onde estaria o tesouro de Cavendish e se sabia onde era Maembipe.

E assim disputavam entre si onde seria no mapa a ilha de Maembipe.

Outro ponto de disputa relacionava-se à pequena enseada perto da qual estava o local exato onde deixaram o

corpo de frei Antônio (baía chamada '*Anga Kûa* pelos selvagens tupinambás), perto dali ficava *Itanhiã Kuara*. Evaristo garantia que *Itanhiã Kuara* ficava ao norte da ilhota da Moela, mas Agostinho e também Manuel achavam que ficava mais ao sul, na baía chamada Castelhanos pelos portugueses, na Ilha de São Sebastião. Manuel havia anotado que era numa baía sombria, como chamava o frei Antônio, que entra bem dentro da ilha, onde um grande navio corsário poderia ficar sem ser visto por outro que estivesse no mar, que era frequentemente o esconderijo dos navios de Cavendish e outros corsários e piratas.

Evaristo e Miguel propunham que quem estivesse correto, ou seja, quem estivesse indicando o local correto onde estaria o ouro, deveria ficar com a quarta parte de tudo o que fosse encontrado e o restante deveria ser dividido em partes iguais entre todos os antigos habitantes da Vila de Santos, incluindo Agostinho, Manuel e Átila. Agostinho e Manuel, apesar de crerem que o tesouro estava na Ilha de São Sebastião, não achavam essa ideia justa. Agostinho defendia que a quarta parte do ouro deveria ser dividida entre os cinco irmãos, independentemente de quem estivesse certo, e todo o resto deveria ser dividido entre as famílias de Santos, que haviam sido roubadas por Cocke. Acabaram brigando muito por causa desse assunto. Foram cerca de três meses discutindo essas questões em encontros noturnos, sem chegar a um acordo.

Manuel era da opinião que deveriam chegar a

*Itanhiã Kuara* caminhando, pegar uma parte do ouro e depois voltar para pegar o restante utilizando parte dele para contratar um barco. Ele não achava sábio envolver mais pessoas na busca já que, por motivo de cobiça, os homens tornam-se perigosos. Não queria ele que outro homem além do índio Aruguá morresse por causa do ouro. Evaristo era contra essa ideia, queria andar até Santos e de lá viajar de barco (no navio do capitão Francisco) até o Saco Sombrio, que julgava estar na ilha da Moela, perto do qual estava o ouro. Tinha a intenção de encontrar o ouro de *Itanhiã Kuara* e também do Poço dos Piratas (*Kangaguera Abá*) que, segundo acreditava, ainda estava cheio do tesouro de Cavendish. Queria então carregar o navio com todo o ouro e voltar para Santos numa só viagem.

Como não chegavam a acordo, Evaristo e Miguel decidiram que sairiam com o capitão Francisco em busca do ouro. Evaristo informou que seus outros irmãos poderiam segui-los, se quisessem. Se não quisessem, eles iriam mesmo assim.

O tal Francisco os visitou certa vez enquanto se reuniam para fazer planos. E aconteceu que Evaristo quebrou o acordo e contou toda a história de *Itanhiã Kuara* a Francisco, porque confiava que ele os ajudaria a encontrar o tesouro, até mencionou a existência das máquinas de Viracocha. Francisco então explicou que não chegavam a um acordo por culpa da maldição de Cunhambebe.

Era essa maldição do conhecimento de todos na capitania de São Vicente. E diziam que esse selvagem

(Cunhambebe), chefe supremo da coligação dos Tamoios<sup>47</sup>, fora convencido pelos padres de que haveria paz na terra, que seu povo não seria massacrado pelos portugueses e que seu povo não seria disperso. Como confiava nos padres que eram sempre verdadeiros e buscavam o bem dos índios, Cunhambebe acreditou em suas palavras e guardou as armas de guerra, fez com que todos fizessem o mesmo e assim abandonaram os planos de uma grande guerra que intentavam fazer para matar todos os portugueses, homens, mulheres e crianças que residiam em suas terras. Mas os portugueses não cumpriram a promessa e massacraram os tupinambás, que foram todos destruídos e outros poucos foram dispersos, e deixou de existir a nação de Cunhambebe, que era a dos tamoios. E não honraram os padres os votos e as palavras de seu próprio evangelho e foi vã sua catequese. Envergonhou-se então Cunhambebe e disse ter sido traído. Então proferiu uma maldição sobre toda a terra de Iperoig<sup>48</sup>. E jurou Cunhambebe que naquelas terras roubadas pelos portugueses nunca haveria prosperidade e que os amigos trairiam os amigos e não haveria união ou confiança entre os homens e seriam traídos por seus próprios irmãos e amigos e de todos desconfiariam. Perderiam ali todos os seus tesouros e riquezas e nunca os poderiam achar enquanto durasse a maldição. Jurou que ali não se terminaria o que se começasse e tudo ficaria inacabado e seus tesouros seriam roubados ou perdidos até que se arrependessem de agir diferente do que pregavam e

---

<sup>47</sup> Confederação dos Tamoios.

<sup>48</sup> Nome antigo da aldeia dos tupinambás, que ficava onde hoje é Ubatuba. A terra dos tupinambás incluía parte do litoral Sul e todo o litoral Norte de São Paulo e Rio de Janeiro até Cabo Frio.

do que acreditavam seus próprios corações. E a maldição só seria quebrada quando passassem a agir em estrita conformidade com o catecismo de suas próprias consciências. E foi essa a maldição de Cunhambebe, o chefe dos tamoios.

Dizia esse Francisco que deveriam ser todos benzidos para poderem assim anular o efeito da maldição de Cunhambebe, que os possuía. Tentou ele persuadir os Gaia a visitarem uma senhora benzedeira de nome Iolanda, que poderia lhes proteger da maldição de Cunhambebe. Fez ameaça dizendo que se não fossem benzidos, jamais encontrariam o ouro. E era essa Iolanda uma prostituta que se dizia vidente. Era visitada por corsários, piratas e outros incircuncisos que lhe davam muitas jóias e por isso era essa mulher muito rica nas coisas deste mundo, porém pobre nas coisas divinas.

Frei Antônio os havia ensinado que cristãos verdadeiros não precisam destas coisas de benzer para serem protegidos do mal, dizia que isso era coisa do diabo. Mesmo assim Evaristo e Miguel pagaram para ser benzidos por essa feiticeira, porque acreditavam em tudo o que Francisco dizia, porque era homem astuto com as palavras. E onde encontrasse um grupo reunido, logo ali entrava e contava seus grandes feitos e aventuras nos mares e na caça de índios pelo sertão em companhia de Martim de Sá, do Rio de Janeiro que, dizia ele, era seu amigo íntimo. E quanto mais pessoas eram congregadas para ouvi-lo, mais entusiasmo tinha para relatar seus feitos, mas quando havia apenas um ou dois, era reticente e até grosseiro, a menos que fossem essas pessoas de importância, da nobreza ou burguesia; neste caso era muito

educado e atencioso. Mas aos pobres tratava com desprezo.

Houve uma séria briga entre eles assim que souberam que Evaristo já havia contratado esse Francisco para, junto com ele, encontrar o ouro. Pagou adiantado oito onças de ouro para o homem com dinheiro emprestado de Afonso Sardinha, que também agora estava envolvido na empreitada e já conhecia o segredo de *Itanhiã Kuara* e também cobiçava o ouro. Ainda teriam que dar a Francisco um terço de todo o tesouro assim que o encontrassem. Esse negócio, feito sem o consentimento dos demais irmãos, deixou Agostinho furioso. Já estavam muito contrariados com Evaristo por ter dito a Francisco tudo o que sabia sobre o ouro, quebrando, assim, o juramento que haviam feito de não revelar a ninguém esse segredo, por pouco não deram a ele as anotações de Manuel.

No calor da briga, Evaristo acusou Manuel de ser, desde seu nascimento, uma maldição para a família e o grande culpado pela miséria dos irmãos, por ter perdido a canastra com as anotações que poderiam facilmente levá-los ao ouro, mas o que mais ofendeu Manuel, o irmão mais novo, fora a acusação de Evaristo, que já dela se valera antes, responsabilizando-o pela morte de sua mãe, que morrera ao lhe dar à luz. A contenda foi tamanha, que se não o segurassem, Evaristo teria agredido seu irmão mais novo. Manuel ofendeu-se muito com aquelas palavras e atitudes de Evaristo, que parecia possuído pelo demônio. E o semblante de Evaristo mudou depois de ser benzido pela feiticeira Iolanda e era ele agora rude com seus irmãos e perseguia muito seu irmão mais novo, Manuel.



E muitas vezes dizia Agostinho que Evaristo estava com demônios, que recaía sobre ele a maldição de Cunhambebe. E sempre que dizia essas palavras, a ira de Evaristo se ascendia e brigavam ainda mais.

Agostinho e Manuel consideraram a atitude de Evaristo de contratar o capitão Francisco uma traição, pois ainda não haviam concordado em compartilhar com ninguém os segredos do ouro de *Itanhiã Kuara*. Além do que, não consideravam certo pagar tanto dinheiro pela ajuda de quem quer que fosse. O desejo do frei Antônio era que os cinco irmãos pegassem o ouro, e ninguém mais. Com exceção de Átila, todos haviam feito um juramento no leito de morte do padre de juntos pegar o ouro, mas parecia cada vez mais difícil cumprir esse juramento. Parecia que Evaristo e Miguel queriam sempre se opor a seus irmãos Manuel e a Agostinho, não importava o que dissessem. Diz Agostinho que sentia que ele e seu irmão Manuel estavam certos, pois frei Antônio claramente deixou Manuel como líder da empreitada, mas, por orgulho, Evaristo não seguiria os conselhos de seu irmão mais novo o que, se tivesse feito, teria sido muito melhor para todos.

E todos de Piratininga já sabiam que os irmãos haviam escondido ouro numa ilha do mar. E os importunavam querendo conhecer mais sobre esse segredo.

E acusavam-se dizendo que eram vítimas da maldição de Cunhambebe que tinha força sobre eles devido às suas iniquidades. E houve luta entre Agostinho e Evaristo por causa dessas acusações.

Evaristo argumentava que sem a ajuda de Francisco, nunca pegariam o ouro. Dizia que, com a ajuda de sua nau e seu grande conhecimento e experiência, chegariam ao local do ouro rapidamente e ainda poderiam transportar a carga de volta a Santos.

Átila dizia, como sempre havia dito, que era loucura sair em busca do ouro. Dizia que a busca os separaria como irmãos. Dizia que deveriam buscar o sustento com seu trabalho e não por meio de fortunas escondidas. Segundo dizia, seus irmãos não conseguiam salvar nem a eles mesmos, já que por muitos meses os sustentou com o fruto de seu trabalho, quanto mais a Vila de Santos. Participou de algumas das conversas noturnas quando faziam planos para a viagem, mas quando viu que muito brigavam, logo abandonou a ideia e não quis mais falar do assunto.

E era esse Agostinho, desde a morte do frade, que começara a trabalhar numa *casa de cozer mel*<sup>49</sup>, muito dedicado à bebedeira da *cagaça*<sup>50</sup> e *cauim*<sup>51</sup>, ficando frequentemente embriagado. Esse seu vício trouxe muitos problemas para os irmãos, sendo uma das causas de sua expulsão da fazenda de Dona Susana de Piratininga. Por causa de seu vício, seus irmãos Átila e Evaristo muito o humilhavam com suas palavras, e as discussões entre eles eram frequentes e acaloradas. Manuel relata em seu diário o seguinte diálogo entre Átila e Agostinho, quando falavam sobre o tesouro:

---

<sup>49</sup> Local onde antigamente fazia-se cachaça.

<sup>50</sup> Cachaça.

<sup>51</sup> Bebida alcoólica dos índios, feita de mandioca.

— Frei Antônio ficou louco. Não existe tesouro. Mesmo se existisse, os selvagens ou seus aliados da França já o teriam pegado — disse Átila.

— Frei Antônio nunca nos mentiu em nada. Tu não tens fé, meu irmão, mas sabes que o padre não nos mentiria! Sabes que há, sim, um tesouro!

— Se te importas com o falecido padre a quem chamas de pai, não queiras profanar seu santo nome e legado! Enquanto tu sonhas com esse ouro, eu trabalho para te sustentar! Cessai de beber, ó infeliz!

— Diga o que quiseres de mim, só não diga que nosso pai era louco!

— Como estão vendo, não nos entendemos nem nas coisas mais simples. Como nos entenderemos para realizar tão ousada empreitada? É causa perdida.

— Talvez não consigamos por não contarmos com tua ajuda!

— Desde já quereis me eleger culpado pelo fracasso da empreitada que nem ainda iniciaste?

— Como disse frei Antônio, se ficarmos juntos, não fracassaremos! Não nos abandone, te imploro!

— Parem de perder tempo com essa pecaminosa busca por fortuna fácil. Não vão encontrar nada e ainda nos odiaremos uns aos outros como está já acontecendo. Isso sim frei Antônio nos ensinou, que ficássemos juntos, esse é o verdadeiro tesouro que ele queria para nós.

— Não queremos o tesouro para nós mesmos, mas para ajudar nossos miseráveis irmãos de Santos! Tu conhecias a integridade do nosso pai, frei Antônio, e apesar de nunca teres visto o ouro, não tens dúvida alguma de que existe um tesouro, mas relutas por medo de enfrentar a floresta e seus perigos, assim como relutastes na ocasião em que não quisestes ir conosco da primeira vez, quando o padre morreu na boca da caverna. Se teus irmãos são miseráveis de caráter, por que não vem nos ajudar? Por que sucumbes ao medo?

Então Átila deu as costas a Agostinho sem dizer nada. Ficou Agostinho surpreso, pois achava que muito o acusaria de ser homem bêbado e indigno, como de fato era.

E foi assim que Átila os desestimulava a buscar o ouro. Foi o primeiro a abandonar a causa.

Escondido em sua alma havia um desejo de seguir com os irmãos, tanto que antes das brigas mencionadas anteriormente, quando começaram a fazer planos para buscar o ouro, ele, em certa ocasião, disse que iria com os irmãos. Mas quando surgiram as dificuldades e as brigas, preferiu desistir. Sua noiva, que conhecia a fama do frei Antônio, acreditava na existência do tesouro e o incentivava a ir com seus irmãos, porém ele não foi.

E nem Evaristo nem Miguel conversavam mais com Agostinho. Também se desviavam de Manuel.

## Capítulo 9 – Parte 12

### **Como Evaristo e Miguel encontraram o Poço dos Piratas e foram enganados**

Poucos dias antes de Evaristo e Miguel saírem em viagem para Santos, onde se encontrariam com o capitão Francisco e seguiriam de navio em busca do ouro, Manuel visitou Evaristo com a intenção de fazer as pazes e também tentar fazer com que todos fossem juntos como irmãos, como haviam jurado ao frei Antônio que fariam. Apesar de ser o maior ofensor, Evaristo não quis fazer as pazes. Era um rapaz de coração duro.

Naquela ocasião, propôs Manuel que utilizassem o navio do alemão Baden, que estava de passagem por Piratininga. Era Baden um marinheiro de muito boa fama que já havia prestado serviços a muitos e era tido como homem íntegro, diferente de Francisco, que era visto com desconfiança. Baden cobraria uma parte menor do ouro caso fosse contratado. Evaristo refutou a proposta, preferindo continuar seguindo Francisco.

Vendo que não conseguiria convencer o irmão, ofereceu a ele seus diários e anotações, trabalho que iniciara logo após a morte do padre. Queria ajudar o irmão a encontrar o ouro. Evaristo não quis aceitar suas

anotações:

— Queres garantir tua parte do ouro que trarei? — disse Evaristo, acreditando que era interesseira a intenção de seu irmão mais jovem, que queria fazer as pazes.

— Não, meu irmão, não busco teu ouro. Só te peço que em tua riqueza não esqueças dos pobres de Santos.

— Não esquecerei. Fique com teus desenhos, não preciso deles. Passe bem!

Manuel fez muitas anotações sobre suas aventuras com o frei Antônio, porque possuía um diário e nele fez muitos desenhos dos locais visitados com o frei, conforme sua lembrança. Quase tudo o que está aqui sendo relatado foi retirado dos escritos e diários de Manuel. Ele ofereceu seus diários a Evaristo para ajudá-lo a encontrar *Itanhiã Kuara*, onde estava o ouro, eram anotações preciosas. Por ser orgulhoso, Evaristo não quis aceitar o diário e sempre desprezava seu irmão mais novo.

E saíram Evaristo e Miguel de *Parnaíba* (local onde ficava a fazenda de Afonso Sardinha) em viagem para Santos, seguindo a trilha dos tupiniquins, margeando o rio Anhangabaú.

De Santos, seguiram com Francisco de navio direto para a Ilha de São Sebastião. Diferente do que havia antes ferrenhamente defendido, Francisco mudou de ideia e nem sequer parou na ilha da Moela, dizendo que o tesouro estava na Ilha de São Sebastião, na baía de

Castelhanos, exatamente como defendiam Manuel e Agostinho. E Francisco ainda repreendeu muito a Evaristo por não ter trazido as anotações de Manuel. E seu comportamento era agora outro, tratando os irmãos Gaia com muita rispidez. Estranhamente, o que anteriormente desprezava agora muito valorizava e o que valorizava agora desprezava, e procurava lembrar cada palavra que Manuel havia dito para saber onde deveria aportar para buscar o ouro.





## Capítulo 9 – Parte 13

### Como Evaristo e Miguel voltaram de Santos

Cerca de três meses mais tarde, estavam Manuel e Átila conversando quando entrou pela porta da casa um homem e um índio escravo da tribo dos carijós. Estavam molhados de suor e carregavam um baú de madeira. O homem era Miguel. Conta Manuel que, assim que se deu conta que o homem era seu irmão Miguel, pensou estar o baú cheio do ouro de *Itanhiã Kuara*. Miguel estava irreconhecível. Estava maltrapilho, barbudo e muito magro, parecendo doente.

Miguel abriu a caixa, e dentro havia roupas, ferramentas e uma pedra. Na pedra estava escrita a frase “*publicus pacis pretium est unigue virtus*”. Era a pedra que o frei Antônio havia deixado sobre o Poço dos Piratas, conforme relatado anteriormente.

Essa é a pedra que te envio, ó Cantanhede.

Miguel explicou que, apesar de procurarem por mais de um mês, não haviam encontrado *Itanhiã Kuara*, mas haviam encontrado o Poço dos Piratas (*Cangaguera Abá*) e de lá retiraram cerca de cinco mil onças de ouro. Confirmou que realmente Maembipe é a Ilha de São

Sebastião, pois lá encontraram a pedra do frade e o Poço dos Piratas, assim como dizia Manuel desde o início.

Disse que o capitão Francisco os enganou e fugiu com todo o ouro, deixando com eles apenas a pedra e algumas poucas onças de ouro. Disse que Evaristo estava bem, mas tinha vergonha de se apresentar aos irmãos. O ouro que trouxeram foi utilizado para pagar parte da dívida que Evaristo havia contraído com Afonso Sardinha e para pagar o senhor dono do índio carijó, escravo que veio com eles desde Santos lhes dando proteção e caça.

Disse que haviam sido muito maltratados por Francisco, que não lhes dava alimentos e por isso quase morreram de tanta fome. Disse, ainda, ser Francisco um homem cruel e ganancioso.

E por muitos dias buscaram a caverna que apitava, conforme o relato do frade, mas nada acharam.

Como não encontravam *Itanhiã Kuara* nem o ouro que havia lá, Francisco ficou muito zangado e serviu-os comida estragada, o que os fez doentes por muitos dias. E dizia Francisco que eles o estavam enganando, que já sabiam onde estava o ouro, mas não queriam revelar, que fingiam estar doentes para não trabalhar na busca. E depois de muitos exaustivos dias de procura pelo ouro de *Itanhiã Kuara* sem êxito, Francisco estava prestes a partir abandonando Evaristo e Miguel na ilha. Pouco antes de partirem, Evaristo encontrou o Poço dos Piratas. Mesmo depois dessa rica descoberta, Francisco não cessou com os maltratos aos irmãos Gaia. Disse que aquele ouro lhe pertencia, pois não era o ouro de *Itanhiã Kuara*, mas um

outro ouro que não fazia parte do acordo que haviam feito antes de partir. Assim, pegou para si todo o ouro de *Cangaguera Abá*.

Miguel chorava muito e pedia perdão a Manuel. Estava muito arrependido de ter deixado se benzer pela feiticeira e por ter confiado em Francisco. Havia passado fome, sede e muitos outros percalços.

Dizia que ele e Evaristo haviam sido enganados pelo demônio que os possuiu, que ele agia por meio da feiticeira, que não os havia benzido, mas lançado sobre eles uma maldição, sim, a própria maldição de Cunhambebe.

Admitia agora que deveriam ter seguido a Manuel, que havia sido designado líder pelo frei Antônio enquanto morria.

— Bendita a hora que não levamos tuas anotações, ó meu irmão. Se tivéssemos encontrado *Itanhiã Kuara*, teria aquele enganador roubado até o ouro de nosso pai, frei Antônio! — disse Miguel, demonstrando muito arrependimento.

Contaram que denunciaram Francisco a Lopo de Sousa, que encontraram em São Vicente, e enviou dois navios em sua captura, pois parte do ouro deveria ser dada a El-Rei por causa dos impostos. Nunca se ouviu falar que Francisco tenha sido capturado. Há quem diga que foi morar no Rio da Prata em terra de Espanha.

Se tivessem encontrado *Itanhiã Kuara*, a história teria terminado aqui, pois Francisco teria por certo

roubado também o tesouro dali.

Contou que encontraram índios tupinambás em São Sebastião, que lhes juraram que nunca encontrariam o ouro de *Itanhiã Kuara* (que ficava de fato em Maembipe, que é a Ilha de São Sebastião, perto da costa na baía chamada Castelhanos, no Saco chamado do Sombrio) porque toda a terra dos tupinambás, de Maembipe até Cabo Frio, fora amaldiçoada por Cunhambebe, seu chefe guerreiro que foi traído pelos portugueses. Segundo a palavra do chefe dos selvagens, nenhum empreendimento lograria êxito nessas terras, seriam terras estéreis, sem prosperidade, até que a maldição fosse retirada, nelas não se acharia ouro e se achado, seria perdido, como de fato foi.

Vemos aqui que Manuel estava certo quando dizia que *Itanhiã Kuara* era na Ilha de São Sebastião (chamada de Maembipe pelos selvagens) perto da baía de Castelhanos, esconderijo dos piratas. E ali ficava *'Anga Kûa*, que traduzindo para o português, significa Saco Sombrio.

Vemos também que a profecia de frei Antônio sobre a morte de Cavendish e seus piratas deve ter realmente ocorrido pois, caso contrário, há muito já teriam voltado para pegar o ouro que haviam escondido naquele Poço dos Piratas e acabou em mãos do malvado capitão Francisco.

Agostinho demorou para conseguir perdoar Evaristo por ter perdido aquelas cinco mil onças de ouro e

entregou-se a bebidas fortes.



## Capítulo 9 – Parte 14

### Como os Gaia se prepararam para a busca

No dia da festa de casamento de Átila, Manuel decidiu que iria a pé até a Ilha de São Sebastião encontrar e trazer o ouro do frei Antônio que estava em *Itanhiã Kuara*. Convidou todos os irmãos. Átila logo disse que não iria. Chamou também a Miguel, que se preparava para se juntar a um bando que sairia pelo sertão em busca de selvagens guaianás para serem depois vendidos como escravos, como era costume dos portugueses, prática que era abominada pelos jesuítas. Miguel aceitou abandonar o bando e seguir Manuel, o que muito alegrou a todos, pois não eram como os demais portugueses, que tratavam os selvagens com extrema crueldade. Não queriam que Miguel cometesse esse pecado, pois se o fizesse, certamente iria para o inferno, como dizia frei Antônio. Vemos, portanto, que Manuel salvou a alma de seu irmão Miguel. Acreditando que encontraria um tesouro, Miguel quis ir.

Evaristo concordou em ir também, apesar de seu medo dos tupinambás que moravam na região de São Sebastião, porque matavam e comiam os portugueses e seus filhos. Ele tinha esse medo desde menino, quando viu seu pai ser morto pelos selvagens tupinambás. Tinha

também grande medo do *curupira*, que é um demônio anão de pés virados, muito avistado pelos selvagens, sua mãe chegou a ver esse demônio certa vez.

Agostinho, que vivia bêbado, não queria ir, não queria abandonar a caça que era abundante em Piratininga. Era preguiçoso e Manuel o sustentava. Manuel relata em seu diário um diálogo que teve com seu irmão:

— Com o Benzido não irei a lugar algum (Agostinho chamava Evaristo de “Benzido”, por ter se deixado benzer pela feiticeira, dizia que a maldição de Cunhambebe o perseguia).

— O padre de Piratininga<sup>52</sup> (este era um estimado padre tido como voador pelos selvagens, ancião de Piratininga, um dos chefes dos jesuítas) o purificou.

— Se aquele infeliz tivesse nos ouvido, estaríamos com o ouro, cinco mil onças, e estaríamos todos de volta à Vila de Santos, felizes como em tempos passados, antes da chegada dos malditos corsários ingleses...

— Venha comigo, Agostinho, seremos prósperos novamente, como éramos em Santos. Em *Itanhiã Kuara* está o nosso ouro. O ouro do Poço dos Piratas não era nosso, mas sim fruto de roubo.

— Não cobiço fortuna, meu irmão, não busco essas vaidades. Vivo de modo simples e a felicidade que tenho me basta — respondeu Agostinho, se fazendo de santo, mas esquecendo-se de que era um preguiçoso bêbado que frequentemente se entregava à luxúria com as

---

<sup>52</sup> Padre Anchieta.



índias.

— Faça então pelos nossos irmãos de Santos que sofrem miséria aqui em Vila de São Paulo. Faça por eles para que tenham o pão e não precisem subir nas bandeiras a derramar o sangue dos índios. Faça para que eles tenham salvação neste mundo e no mundo vindouro com os anjos, e dessa forma não sejam condenados, nem eles nem ti, ao fogo do inferno pela mão do diabo.

Conta Manuel que depois daquela conversa que tiveram e para espanto de todos, Agostinho deu a palavra dizendo que não mais beberia até cair bêbado, e decidiu sair em viagem com Manuel. Dizia que daria até mesmo sua vida, se necessário fosse, para ajudar seus amigos de Santos. E mesmo depois de sóbrio, manteve sua resolução.

E assim, no dia 8 do mês de julho do ano de 1597 do nosso Senhor, Manuel, Evaristo, Miguel e Agostinho saíram da Vila de São Paulo de Piratininga em viagem, a pé, sem nenhum escravo ou animal de carga, porque não tinham dinheiro, em direção a São Sebastião, seguindo pela perigosa trilha da serra (havia ali selvagens tupinambás que muitas vezes surpreendiam os viajantes com seus ataques), conhecida como trilha dos Tamoios ou trilha dos tupiniquins. Com o dinheiro de Átila, levavam farinha de mandioca, peixe em pó (à moda dos selvagens), remédio de fumo, um arcabuz com munição e o laço do frei Antônio, com o qual fariam o ritual em *Itanhiã Kuara*.

Átila deu a eles dinheiro, apesar de tentar a todo custo fazer com que desistissem da empreitada. Era ele agora casado e, dos irmãos, o mais distinto e respeitado

pelos que habitavam em Piratininga. Não estava disposto a arriscar sua vida e reputação para buscar o tesouro.

Agostinho dizia que ele tinha vergonha dos irmãos (por insistirem em buscar tesouros em vez de conquistar o pão de cada dia com o suor de seus rostos), achando mesmo que Átila ficaria aliviado se nunca mais voltassem para Piratininga, até porque muitas vezes teve de ajudar os irmãos com dinheiro para que não passassem fome. Agostinho dizia que Átila não queria ir porque sabia que, caso encontrassem o ouro, Manuel, por ter uma natureza piedosa, de qualquer forma daria a ele sua parte, mesmo sem merecimento. Talvez essas ideias fossem apenas fruto da mente maliciosa de Agostinho, que sempre preferia ser tachado de homem sem fé a homem ingênuo.

Antes da partida houve brigas, principalmente entre Evaristo e Agostinho. Agostinho frequentemente acusava Evaristo de estar possuído pelo demônio da maldição de Cunhambebe, por ter perdido o ouro, por ter confiado em Francisco e ter tido parte com a feiticeira. Evaristo acusava Agostinho de ser um bêbado preguiçoso. Assim brigavam os dois e não havia amizade entre eles, mas por Manuel e pela esperança de encontrar o ouro, permaneciam unidos.

Miguel tinha espírito mais tranquilo e agora parecia seguir mais os conselhos de Manuel do que os de Evaristo.

Apesar de suas muitas falhas de caráter, era comum acordo entre eles que a maior parte do ouro seria distribuída entre os amigos de Santos. Planejavam usar o

dinheiro para construir engenhos de açúcar na Vila de Santos. Não brigavam mais sobre esse ponto que fora pacificado. Eram dessa vez unânimes em eleger Manuel o guardião do ouro e o juiz entre eles, obedecendo assim à vontade do frei Antônio, expressa pouco antes de sua morte. Evaristo precisou perder cinco mil onças de ouro para reconhecer a liderança de seu irmão mais novo.



## Capítulo 9 – Parte 15

### Como os Gaia (sem Átila) viajaram em busca do ouro

Saíram cedo e andaram o dia todo até o início da trilha da descida das grandes montanhas, que é a serra de Paranapiacaba. Naquela mesma noite, enquanto dormiam em redes presas às árvores (à moda dos selvagens), ouviram som de cantoria de selvagens tupinambás. Evaristo teve muito medo e não dormiu naquela noite.

Na manhã do dia seguinte, sob a densa neblina da serra (que muito dificultava a visão do que havia nos arredores), enquanto preparavam-se para reiniciar a caminhada morro abaixo, quando utilizava o mato para suas necessidades, Miguel quebrou o silêncio com um terrível grito de pavor ao dar-se conta que sua cabeça, por descuido, encostava-se a uma enorme e grossa teia de aranha que como um véu unia duas árvores. Assustou quando olhou para cima e viu a enorme aranha já se encostando em sua cabeça. Saiu gritando escandalosamente enquanto arrancava desesperadamente as teias grudadas em seu cabelo.

Aos cochichos, seus irmãos o repreenderam muito por ter gritado daquela forma, pois temiam ser notados

pelos tupinambás e outros animais selvagens que rondavam por ali – por isso sempre se comunicavam aos cochichos. Evaristo tentou convencê-los a voltar a Piratininga, mas Manuel os confortava garantindo que, se permanecessem juntos, voltariam a salvo com o ouro. Desde o início da viagem, Evaristo reclamava insistentemente dos muitos desconfortos da jornada: dos insetos, do sol forte que feria sua pele, da comida ruim etc.

Miguel também teve medo e chegou a chorar. Dizia que Átila estava certo, que estavam cometendo uma loucura, que morreriam na floresta. Depois acalmou-se com as palavras de Manuel, que o confortava, e continuaram.

Enquanto estavam na serra, ouviram sons de canhão vindos do mar. Eram tiros de navio que chamavam os índios para fazer comércio (geralmente para obter o pau-brasil que os índios cortavam e carregavam até os navios em troca de pouco pagamento).

Viram também um padre jesuíta que vinha do Espírito Santo em sentido oposto seguindo para Piratininga. Aconselhou-os a tomarem cuidado com uns selvagens, os goitacases, que eram inimigos de todos. Disse que se escondiam muito bem e faziam fogo em buracos para que não fossem localizados pelo brilho das fogueiras. O padre os abençoou e seguiu viagem, caminhando sozinho. Essa conversa deixou todos muito assustados, pois agora temiam outros inimigos além dos tupinambás.

E por todos os reveses que sofriam durante a

descida da serra culpavam a Manuel, e pediam que resolvesse os problemas que enfrentavam. Quando faltou água para beber, ameaçaram voltar para Piratininga até que Manuel encontrou uma cascata e acalmou seus ânimos. Agiam como se houvessem sido forçados por Manuel a estar ali, porém vieram não porque foram forçados, mas por escolha própria.

Numa noite, rasgou-se a rede de dormir de Miguel, que não relutou em pedir a rede de Manuel. Manuel negou-se a entregar sua rede:

— Com todos tu és bom! Não será agora comigo também? — perguntou Miguel.

— Por que devo dar-te minha rede? Foi a tua que se rasgou! Não a minha!

— Por que tu és o líder e deves ser o exemplo de bondade! — disse Evaristo, intrometendo-se na conversa.

— Tua insistência doentia por encontrar o ouro nos colocou nesta floresta horrível! Tu és o responsável pela nossa miséria — voltou Miguel, quase aos prantos.

— Cala-te, ó grande tolo! Vieste aqui porque quiseste! Sabíamos todos que seria difícil! Por que não admites que a culpa é de tua fraqueza e não de nosso irmão mais novo? Como disse São Paulo, “... quando sou fraco, então sou forte...” — intrometeu-se também Agostinho, dirigindo-se a Miguel.

— Fique quieto, Agostinho! ... está aqui, meu irmão... durma em minha rede — ofereceu Evaristo sua

rede a Miguel, num inesperado ato de bondade.

E Evaristo importunou muito a Manuel dizendo que ele era o líder e, portanto, deveria ser mais bondoso que ele:

— Vistes que demonstrei grande bondade ao entregar minha rede ao meu irmão. Deves tu, como nosso líder, ser de nós o mais virtuoso. Fostes posto como líder e não podes ser um hipócrita.

De tanto ser importunado por seu irmão, Manuel acabou entregando sua rede. Como Miguel já estava dormindo na rede de Evaristo, Evaristo tomou a rede de Manuel e nela foi dormir. E ficou Manuel com a rede rasgada e dormia agora no chão sobre folhas de bananeira. E Evaristo dormiu todas as noites em sua rede.

E não brigavam muito por medo de, em seus gritos, serem ouvidos por inimigos.

Encontraram também a aldeia de Juqueriquerê, que era dos tupiniquins, seus aliados. E ali foram muito bem recebidos pelos selvagens e outros que já eram cristãos. Não conheciam aqueles índios o local chamado *Itanhiã Kuara* na Ilha de São Sebastião. Não ficaram ali muito tempo.

Ali Evaristo recebeu de um dos índios batizados uma rede de dormir como presente. E devolveu Evaristo a Manuel sua rede.



## Capítulo 9 – Parte 16

### **Como encontraram Duas Bocas ou *Iacytatingaçu***

Por medo dos selvagens tupinambás e outros inimigos, andavam muito atentos com o arcabuz sempre em punho, pronto para atirar.

Andaram aquele dia todo sem encontrar problemas. Desciam a serra em direção ao mar na trilha dos Tamoios.

No dia seguinte, ao entardecer, enquanto caminhavam já perto do mar rumo a São Sebastião, sentiram fortíssimo fedor de carniça. Ouviram forte zunido de moscas e, mais à frente, avistaram um pé humano no chão. Todos ficaram chocados ao verem aquele pé decepado. Manuel, Evaristo e Miguel até vomitaram. Não eram acostumados a ver pessoas mortas ou seus pedaços.

Mais à frente viram alguns cadáveres de selvagens. Pensaram ter havido ali uma guerra de tribos. Era uma cena horrível, pois havia muitos corpos mutilados e, mesmo distante, o fedor era muito. Todos vomitaram devido à terrível cena e ao odor insuportável, pois não tinham costume de matar índios ou vê-los mortos.

Miguel foi o que mais ficou abalado com aquelas

cenas horríveis.

Saíram rapidamente dali e, mais à frente, notaram que Agostinho ficara para trás. Surpreenderam-se ao virem carregando o corpo nu de um jovem selvagem, que estava caído entre os demais corpos:

— O menino está respirando! Está vivo! — disse ele.

O menino era diferente dos demais índios, porque tinha pele branca.

Ali perto havia um rio e ali Agostinho o lavou muito, mas o fedor não passava, deixando todos enjoados. Mas depois diminuiu. O menino estava mesmo vivo, mas devido a um ferimento na barriga, estava com febre e se agitava e se debatia. Estava também magro e com olhos fundos, claramente não tendo comido nem bebido nada havia muitos dias.

Tinha um grande buraco no lábio inferior, pois era costume aos selvagens isso fazer, parecendo ter ele duas bocas; por isso o chamavam de Duas Bocas antes de conhecer seu verdadeiro nome. Os selvagens daquela região furavam a parte inferior dos lábios e na abertura inseriam uma pedra verde.

Evaristo achava que deveriam largar o menino. Tinha raiva dos tupinambás. Dizia ele:

— Assim que tiver forças ele fugirá e nos entregará aos selvagens, que nos matarão a todos! Larguemos o menino aqui!

Mas Agostinho não aceitou fazer isso. Dizia que era crueldade, que não era essa a atitude de um cristão:

— Porventura foi isso que nosso pai nos ensinou? Abandonar os doentes à morte? Não! Ele nos ensinou a cuidar dos doentes e é isso o que farei.

Isso contrariou muito a Evaristo, que tinha medo de ficar com o menino. Julgava que o menino fosse tupinambá pela forma de seus adornos na boca e na pele (porque tinha o corpo pintado de preto e vermelho, como faziam os tupinambás). Devido à cor de sua pele, poderia ser o menino filho de francês ou castelhano, porque os povos de França e Espanha eram aliados dos tupinambás e com eles se miscigenavam em Cabo Frio e Guanabara.

No dia seguinte, pela manhã, Duas Bocas já comia e bebia. Seu ferimento na barriga já estava melhor. Agostinho o tratou com fumo, que trouxera consigo. Parecia um rapaz de bom coração. Disse que chamava-se *Iacytating-açu*.

Conseguiram a muito custo fazer com que ele usasse uma calça velha que pertencia a Agostinho, mas não quis usar outras peças de roupa.

Por causa do menino, que não podia caminhar devido aos ferimentos, não andaram naquele dia. Por causa disso, houve mais brigas entre eles. Evaristo e também Miguel não queriam perder tempo, achavam que Agostinho não deveria ter pegado o menino.

No dia seguinte, iniciaram a caminhada. Agostinho carregava o menino nas costas. Enquanto caminhavam à

tarde, as forças de Agostinho falharam e tiveram que parar várias vezes, o que irritou os outros irmãos.

Num momento daquele dia, Evaristo agrediu Agostinho, porque não concordava com a presença do menino índio, mas Evaristo foi quem mais sofreu porque era mais fraco e caiu no chão.

Evaristo por pouco não foi embora. Só não foi porque tinha medo de voltar toda a distância sozinho, já que ninguém mais queria segui-lo. E Agostinho atribuía a ira de Evaristo aos maus espíritos que o seguiam devido à maldição de Cunhambebe que o perseguia desde quando benzido pela feiticeira.

No dia seguinte, o menino índio estava sarado e já estava acordado quando o primeiro deles acordou. Surpreenderam-se por ele não ter fugido. Apegou-se afetivamente a Agostinho, que dele cuidou como se fosse um filho.

Por falarem muito mal a língua dos nativos, pouco entendiam o que o menino dizia. Sabiam apenas que se chamava “Grande Estrela Branca” e parecia dizer que ele e outros de sua tribo haviam carregado um navio português com muita madeira de *arabutan* (pau-brasil) e depois, num ato de traição, foram covardemente atacados e mortos pelos marinheiros do barco, que eram portugueses (ou *perós*, como os selvagens tupinambás chamavam os portugueses, seus inimigos).

O fato é que o menino passou a segui-los mesmo sendo livre para ir embora. Pensaram que, por ser pequeno, o menino não soubesse voltar sozinho para sua

casa.

As habilidades de Iacytating-açu (que é Duas Bocas) eram impressionantes. Sempre trazia muitas frutas e até caça. Sabia também fazer fogo rapidamente atritando varetas, o que muito agradou a todos, pois podiam acender cigarros de folha de fumo. Até aquela ocasião não haviam feito fogo por medo de serem vistos por algum inimigo. Tinha também impressionante habilidade para caçar um animal chamado tatu, que tem carne muito saborosa.

Segundo entenderam, o menino não era francês nem filho de francês (que chamavam de *maires*). Se dizia da tribo dos aimorés, que realmente têm pele alva. Dizia que era inimigo dos tupinambás, mas mesmo assim com eles habitava. Dizia que não fugiria porque isso só fazem os covardes.

Chegaram então a São Sebastião onde, perto do continente, havia uma grande ilha chamada pelos selvagens de Maembipe e pelos portugueses de Ilha de São Sebastião.



## Capítulo 9 – Parte 17

### Como Evaristo e Miguel abandonaram a busca

No dia seguinte antes do amanhecer, Evaristo acordou molhado (porque havia chovido a noite toda) e viu, entre a Ilha e o continente, no canal que haviam atravessado anos atrás quando ali levados pelo frei Antônio, um navio português ancorado, não longe da costa. E o navio brilhava muito com fogo de *Santelmo*<sup>53</sup> azul, o que era tido como bom sinal. E brilhavam majestosamente as luzes de Santelmo e chegavam a fazer som. Ao ver aquele sinal divino, pôs-se a gritar e gesticular, fazendo grande alvoroço, para que fosse ouvido e visto pelos tripulantes. Não demorou até que, num bote, três homens a bordo remassem até a costa. Foi quando Evaristo anunciou que não ficaria mais ali, que iria embora no navio, se nele fosse aceito.

Miguel também anunciou que seguiria seu irmão Evaristo e também iria abandonar a busca pelo ouro, estava muito abalado pelas cenas dos índios mortos, tendo até sofrido de febres noturnas e perda de apetite. Queixava-se de terrível dor na cabeça. Dizia que o sinal de Santelmo era indicação clara de Santa Catarina, de quem

---

<sup>53</sup> Fenômeno eletrostático atmosférico. Os mastros dos navios emitiam luzes azuis.

eram todos devotos, que deveriam todos embarcar naquela nau e sair daquele local.

Ao ver as luzes de Santelmo, o indiozinho Iacytating-açu (que chamavam *Duas Bocas*) gritava, assustado:

— *Mboia tatá, Mboia tatá* — que significa “monstro ou cobra de luz” na língua tupinambá.

Vendo que os portugueses se aproximavam de bote, tratou Agostinho de esconder o menino índio no mato, porque temia que fosse ele maltratado, já que parecia ser da tribo dos canibais tupinambás, odiados pelos portugueses. E eram esses tupinambás cruelmente assassinados pelos portugueses, que os matavam sem piedade fossem eles homens velhos, mulheres ou crianças de colo. Não menos cruéis eram os tupinambás com os portugueses, pois frequentemente os capturavam, matavam e comiam em seus rituais antropofágicos.

Manuel implorou que seus irmãos não fossem embora, que honrassem a promessa que haviam feito ao frei Antônio e continuassem juntos até encontrarem o ouro, mas foi em vão, porque estavam resolutos a abandonar a causa devido aos muitos desconfortos da floresta. Embarcar naquele grande e confortável navio bem abastecido de víveres era-lhes por demais sedutor.

Agostinho tentou persuadi-los, mas logo desistiu de usar palavras brandas e começou a humilhar Evaristo:

— Tu és um grande covarde! Como podes nos abandonar assim? Tu nos deves cinco mil onças de ouro, ó



desgraçado... Não fuja como uma criança medrosa!

— Manuel, seja sensato e desista dessa loucura de achar ouro. Vamos embora agora! Não percebes que seremos mortos pelos tupinambás que infestam estas matas? Essa tua obstinação vai acabar te matando! — disse Evaristo para Manuel, ignorando as palavras de Agostinho.

— Covardes! — rebateu Agostinho.

— Aproveitemos que há aqui um navio. Vamos embarcar e sair daqui enquanto podemos! Perdestes o mapa do frei Antônio! Demorarão muito tempo para achar o ouro! Vamos, Manuel! Voltaremos depois com um barco e mais homens para nos proteger dos selvagens — insistiu Evaristo, sem dar atenção às ofensas de Agostinho.

— Juro-te que encontraremos o ouro!

— Há boa comida e roupa limpa naquele navio! Dormiremos em boas camas sem chuva fria caindo em nossos corpos durante a noite! Vamos, meus irmãos...

— Pode ser que por não estares conosco não possamos sozinhos pegar o ouro! — observou Agostinho.

— Não vou desistir! Por favor, seja forte, estamos tão perto! Não morreremos, mas alcançaremos o ouro e ajudaremos nossos irmãos... Se não encontras forças para perseverar por ti, faça pelos nossos irmãos de Santos! — insistiu Manuel.

— Talvez o ouro não exista! Vamos para o navio, meu irmão — disse Evaristo, pegando Manuel pelo braço.

— Seguirás nosso pai Antônio, que nunca nos faltou com a verdade e testificou-nos em seu leito de morte que havia um tesouro, ou seguirás aos teus medos? — perguntou Manuel.

— Seguirei a voz da sensatez... — rebateu Evaristo.

— Como seguistes a voz de Francisco, o falastrão vigarista? — provocou Agostinho, interrompendo Evaristo.

— Meu irmão — disse Manuel, segurando os ombros de Evaristo —, seja forte! Encontraremos o ouro e voltaremos para Santos com nossos irmãos! Reconstruiremos nossa cidade!

— Não queira simplificar aquilo que não é simples, meu irmão mais novo — disse Evaristo. — Não sabemos onde é *Itanhiã Kuara*, já procurei esse tesouro por dois meses nesta ilha, sei o que estou dizendo, corremos risco de morte!.. Não temos mais um mapa, e esta terra está repleta destes assassinos canibais, que até nosso pai mataram...

— Não queiras tu complicar o que é simples — retrucou Agostinho. — Tão somente cumpra com o compromisso que assumiu antes de sair nesta busca! Sabíamos desde o início que era perigosa e arriscada, que haveria desconfortos, chuva fria e sol quente! Somente faça o que prometeu! Não sejas covarde! Viestes porque quisestes! Foges como um cão medroso! — disse Agostinho, atrapalhando mais do que ajudando.

— A vida toda fostes um vagabundo beberão! Como queres agora vir me dizer a forma como devo proceder? Que entendes tu de retidão? — emendou Evaristo.

— Juro-te que encontraremos o ouro, mas nem uma só onça te entregaremos! — disse Agostinho.

— E quanto a ti, ó Miguel? Quando será finalmente um homem? Por que sempre segues esse teu irmão que te levou a comungar com uma feiticeira? Que perdeu cinco mil onças de ouro? Por que não ficas conosco, como nos pediu frei Antônio antes de morrer? — indagou Agostinho, sem obter resposta.

— Ah, Átila! Por que não te demos ouvido desde o início? — murmurou Evaristo.

Chegou então o bote vindo do navio e o capitão aceitou levar Evaristo e Miguel a Santos, mesmo tendo que se desviar de seu destino, pois dirigiam-se originalmente para *Paranabuka*<sup>54</sup>. Fez a mudança no rumo de tão impressionado que ficou o capitão com as luzes que julgava serem sinais divinos de que assim deveria proceder ajudando aqueles homens.

Diziam os marinheiros do bote ser perigoso permanecer ali devido aos selvagens tupinambás, comedores de gente, que habitavam a costa. Quiseram também levar a Manuel e Agostinho, mas eles não foram.

Evaristo largou o arcabuz com Manuel e, assim como Miguel, deixou os poucos mantimentos que ainda

---

<sup>54</sup> Pernambuco.

possuía. Deixaram também uma rede de dormir.

Por pena de Manuel e Agostinho, os marinheiros deixaram farinha de mandioca e duas garrafas de rum.

— Vais beber o rum, meu irmão? — perguntou Evaristo, com ar sarcástico, antes de entrar no bote.

— Não beberei. Fique com isso, meu irmão, para que não me sirva de tentação — disse Agostinho, entregando as garrafas para Manuel.

— Diferente de vós, eu cumpro minhas promessas — disse Agostinho, dando as costas sem se despedir de seus irmãos que partiam.

Quando Evaristo e Miguel já estavam longe no navio, Agostinho pegou uma das garrafas de rum, bebeu e ficou bêbado. Mais tarde acabou bebendo também a outra.

Enquanto estava bêbado, Agostinho muitas vezes dizia que Evaristo e Miguel estragaram tudo quando foram benzidos pela feiticeira. Dizia que seus irmãos haviam sido amaldiçoados pelo espírito de Cunhambebe, o demônio dos índios, e por isso desistiram.

Manuel o repreendia dizendo que suas palavras haviam mais espantado os irmãos do que os retido. Chegaram a brigar os dois por causa dessa conversa.

— Eles são covardes! Eu sempre disse que eram covardes! Eu sempre estive certo e hoje isso ficou notório! — gabava-se Agostinho.

— Sim, ficou notório que eles são covardes —

ironizou Manuel. — Tu estavas certo! Conseguistes o que querias, provou que eram covardes e tu, corajoso! Pois saiba que não era provar que eram covardes o que precisávamos e sim que eles ficassem conosco, isto sim precisávamos! Que ficássemos juntos era o desejo de nosso pai!

Agostinho, muito nervoso e embriagado, espumando de raiva:

— Ah! Agora eu sou o culpado por terem eles fugido? Sou eu o culpado, meu irmão? Sou eu quem tive parte com o diabo como eles tiveram? Sou eu que entreguei cinco mil onças de ouro nas mãos de um marinheiro ladrão? Sou sim um miserável bêbado, mas nunca me deixei benzer por uma feiticeira! — disse Agostinho, muito nervoso e bêbado, espumando saliva pela boca.

— Só tu que não tens culpa de nada, certo? És um santo! Por que não fostes estudar para ser padre? Queres que teus irmãos sejam santos, mas não somos! Nunca seremos! — disse Agostinho, resmungando como fazem os bêbados.

— Não quero que sejas santo, somente que fiques quieto. Se tivesses ficado quieto, talvez eu tivesse convencido nossos irmãos a ficar conosco...

— Um santinho... ...pensas que és um santinho...  
— murmurava Agostinho.

— Não vamos brigar nós dois também. Vá

descansar um pouco.

Agostinho obedeceu, porque estava muito embriagado.

Havia Agostinho escondido Iacytating-açu na floresta de tal forma que os marinheiros no bote nunca o viram. Ele temia que os portugueses o matassem por acharem ser dos tupinambás. Com sádico prazer, matavam os índios tidos como inimigos. E não sentiam nenhum remorso.

Vendo que o navio já estava longe, voltou o indiozinho.

## Capítulo 9 – Parte 18

### **Como Manuel salvou um papagaio e ficou famoso entre os índios**

Na noite logo após a partida de Evaristo e Miguel, enquanto dormiam em redes, houve uma tempestade com ventos muito fortes. Até algumas árvores foram arrancadas devido à força do vento. Como não havia abrigo, ficaram muito molhados e com frio. Não Iacytating-açu, que parecia ser imune ao frio. Naquela noite ele tirou a calça dada por Agostinho e nunca mais a usou. Preferia permanecer nu como era costume de todos os selvagens, inclusive os tupiniquins de Piratininga antes de serem batizados. E não parecia sentir frio o indiozinho, mesmo nu.

Em Piratininga, Manuel havia aprendido a fazer jangada de bambu justamente para poder construir uma a fim de atravessar o canal entre São Sebastião e Maembipe. Precisava de dois dias de trabalho para fazer uma jangada capaz de transportar três homens, mas não precisou usar seu conhecimento, porque em apenas um dia de trabalho o indiozinho Iacytating-açu fez uma linda jangada usando varas de bambu.

Enquanto Iacytating-açu preparava a jangada,

ouviram o som de um papagaio, uma *arara*, na língua dos selvagens, que gritava com intensidade no mato. Como não havia mais o que fazer para ajudar Iacytating-açu, pois já haviam trazido muitos galhos, Manuel entrou na floresta em busca do pássaro escandaloso e logo gritou chamando Agostinho, que ainda dormia na rede.

Havia numa árvore uma grande arara azul e amarela com uma das patas presa a um galho de árvore que havia caído devido aos ventos da noite passada. A pata presa estava quebrada, porém a arara não conseguia se libertar, apesar de seus muitos esforços. Deveria estar assim havia muitas horas e estava nitidamente exausta.

Facilmente, Manuel suspendeu o galho e libertou o pássaro. Como mesmo liberta não saía de seu lugar, Manuel deu-lhe água e um pedaço de banana, que aceitou prontamente. Ferida, a ave voou com certeza sentindo-se muito aliviada, apesar de ter perdido uma das patas para sempre.

O sol já estava se pondo quando se preparavam para subir na jangada e atravessar o canal, pois o vento era muito fraco e as condições eram boas para a travessia. Iacytating-açu havia entrado na mata em busca de caça para o jantar.

Enquanto Iacytating-açu estava fora, Manuel e Agostinho foram cercados por cinco selvagens que chegaram tão subitamente que pareciam ter aparecido como que por mágica.



Agostinho tentou pegar o arcabuz, mas foi fortemente golpeado no rosto por um dos selvagens, um velho, e caiu no chão sem consciência. Seu rosto inchou imediatamente e ficou com horrível aparência.

Rápida e brutalmente amarraram Manuel na cintura com uma corda que dois deles puxavam esmagando sua barriga e o impedindo de qualquer movimento. Apertavam com tamanha força, que lágrimas de agonia escorriam de seu rosto. Um terceiro pegou seu tacape e golpeou a batata de sua perna com muita violência, dilacerando sua carne. Nesse momento, Manuel caiu de joelhos e gritou de dor.

O mesmo que golpeou sua coxa girou o tacape desta vez para acertá-lo na cabeça, mas algo o distraiu e se conteve, era o som de um pássaro. Manuel, que rezava de olhos fechados, pois sabia que seria morto, abriu os olhos e viu a arara pernetá empoleirada no galho de uma árvore logo acima de sua cabeça, com certeza a mesma que havia libertado minutos antes! Como o bicho gritava de forma incomum e era também pernetá, o selvagem adiou o golpe fatal e conversava com os companheiros tentando entender qual o significado daquilo, porque eram muito supersticiosos. E dizia para outro selvagem:

— *Kó bé asyk arara!* — que quer dizer “Veja, uma arara pernetá!”.

Nesse mesmo instante, chegou Iacytating-açu gritando:

— *Eporapiti ume, i katu! Eporapiti ume, i katu!* — que quer dizer “Eles são bons, não os mate!”.

— *Ae mara monhangara* — que quer dizer “Estes só fazem maldades” — dizia o selvagem, ainda querendo matar Manuel, porque não reconheceu Iacytating-açu.

Mas quando um dos selvagens viu que o indiozinho era Iacytating-açu (porque este era o verdadeiro nome de Duas Bocas) e ouviram suas palavras, soltaram Manuel imediatamente. O homem velho ficou muito contente e até chorava de alegria por ver que o indiozinho estava vivo e também por arrependimento pelo tratamento rude que ele e os demais deram aos homens que haviam salvo um dos seus. E conversavam com Iacytating-açu em sua língua.

Por ter sido salvo pela arara perneta que adiou o golpe fatal, e também por tê-la salvado, os índios passaram a chamar Manuel de *Arará Posanongara* ou apenas Arará. Essa arara ficou com Arará até sua morte, muitos anos depois. Se o pássaro voltou para pedir mais comida ou por gratidão, ninguém sabe, porém ela de fato salvou sua vida e só o abandonou ao morrer.

E dali em diante todos chamavam Manuel de Arará.

E Agostinho mentiu aos índios dizendo que eram castelhanos e não portugueses e que havia matado um português com sua arma de fogo. Isso ele disse para convencer os selvagens de que eram seus aliados, porque eles matavam e comiam os portugueses a quem odiavam mortalmente. E chamavam a Agostinho de *Apebuçu*, porque era gordo.

Levaram os selvagens todos de canoa até sua

aldeia, chamada *Uba Tyba*<sup>55</sup>, que não era mais habitada como era antes da Guerra dos Tamoios. Arará e Agostinho estavam feridos e não podiam naquele dia continuar a viagem. Da aldeia abandonada, seguiram para Cabo Frio, onde havia uma aldeia deles no sertão. Não desejava Arará seguir tão longa viagem até Cabo Frio, porque desejava logo chegar a Maembipe, mas acabou indo por grande insistência de Agostinho e dos selvagens. E desejavam os selvagens dar presentes aos irmãos Gaia e também curar seus ferimentos. E prometeram dar uma moça índia a cada um deles.

E foi longa a viagem, mas remavam com muita potência, porque bebiam uma água mágica<sup>56</sup>, que lhes dava muita força para remar.

Ficaram na aldeia muitos dias sendo muito bem tratados pelos selvagens que traziam ervas para curar o ferimento de Agostinho no rosto e também Arará, que passou muito mal devido ao forte aperto de sua barriga quando foi amarrado com a corda. Havia ferimentos internos e sangrara no mato.

---

<sup>55</sup> Ubatuba, que significa “ajuntamento de cana-ubá (planta usada para fazer flecha)”, veja referência 6.

<sup>56</sup> Água do rio Carioca.



## Capítulo 9 – Parte 19

### Entre os tupinambás

A aldeia de Gecay era pequena. Havia muito mais mulheres do que homens e os poucos homens eram velhos ou meninos. Haviam os homens adultos morrido em muitas batalhas travadas com os portugueses que os massacraram. A outros faziam de escravos. Andavam todos nus e tinham a pele pintada com a tinta de uma semente que chamavam jenipapo. Alguns dos mais velhos conheciam um pouco da língua francesa, porque conviveram com franceses no Rio de Janeiro antes de serem de lá expulsos. Alguns tinham armas de fogo (arcabuzes e mosquetes) obtidas de navios castelhanos, que frequentemente invadiam o Brasil em busca de pau-brasil, água e comida.

Enquanto se recuperavam, Arará e Agostinho consultaram os mais antigos dos selvagens da aldeia sobre a localização de *Itanhiã Kuara*. Por não terem conhecimento pleno da língua dos nativos, tinham dificuldade para comunicar-se. Os selvagens da aldeia de Gecay, inclusive os mais velhos, afirmavam que antes de morrer, o chefe Cunhambebe amaldiçoou toda aquela terra. Segundo a maldição, todo o ouro que havia ali havia se transformado em pedra. Segundo o que entenderam, os

selvagens disseram que o pássaro guardião não cantava mais, de forma que não sabiam mais onde era *Itanhiã Kuara*, também porque os anciões, que conheciam bem o local, haviam morrido na Guerra dos Tamoios. E um dos índios que estivera lá com o frei Antônio, um dos que fugiram de medo do grande barulho, ainda era vivo e estava lá na aldeia, porém havia perdido três dedos da mão esquerda e estava parcialmente cego, vítima de ferimentos de guerra, e seu rosto era deformado. Esse índio confirmava por palavras e gestos que não havia mais o apito de Anhangá e ninguém mais podia encontrar o local nem ele, porque estava cego. E isso muito desanimou Arará e Agostinho.

Com a ajuda de um mapa, tentava Arará obter informação sobre o local na Ilha de São Sebastião, perto de 'Anga Kúa, onde estaria *Itanhiã Kuara*, porém os selvagens não podiam ajudar. Tinham medo do mapa e de livros. Diziam que o mapa podia falar com o poder de um gênio do mal. Eram ignorantes no que diz respeito às ciências: sabiam contar apenas até quatro.

Os selvagens ficaram muito felizes por Agostinho ter salvo a vida de Iacytating-açu (o nome verdadeiro de Duas Bocas), e para recompensá-lo, *Angaipabora* (pai de Duas Bocas) deu a ele por esposa sua filha, a mais formosa moça da aldeia, uma jovem que ainda não tinha 15 anos de idade. A princípio Agostinho relutou, porque sabia ser pecado unir-se com uma mulher pagã, mas logo não resistiu à tentação e se entregou à luxúria. Essa atitude de Agostinho magoou muito a Arará, que considerava que aquela atitude levaria a alma de seu irmão para o inferno. Muito insistiu que fossem embora dali em busca do ouro,

mas nada podia persuadir Agostinho, que estava determinado a deitar-se com a índia.

E os selvagens deram a Agostinho o nome de *Apeb-uçu*, porque era homem gordo.

— Fostes sempre contra os selvagens, condenando-os frequentemente por sua conduta pecaminosa! Como podes tu agora cometer tamanho pecado, sendo tu cristão? — perguntava Arará, sem obter uma resposta. — São eles um povo sem lei e pecam por desconhecerem os procedimentos corretos, mas tu bem conheces as leis! Eis que eles serão tidos por inocentes no juízo final enquanto tu serás condenado e irás para o inferno, a menos que te arrependas! — dizia Arará sem, entretanto, conseguir dissuadir seu irmão a unir-se a uma gentia.

— Mesmo sem leis, parecem felizes — argumentava Agostinho.

A esposa índia de Agostinho, chamada *Ierubiasaba*, trabalhava diligentemente e lhe trazia mandioca e outros alimentos, e seus muitos amigos lhe doavam carne de caça de tal forma que Agostinho não precisava entregar-se a nenhum tipo de trabalho. Passava os dias com sua mulher, que era bastante jovem e formosa, bebendo muito cauim. Esse cauim era preparado pelas mulheres, que mascavam rodela de mandioca e cuspiam o caldo numa grande vasilha de barro colocada para fermentar dentro da terra.

O principal líder da aldeia, chamado *Iperu-açu*, ofereceu também para Arará uma mulher, mas ele não

aceitou, dizendo que estava de partida.

Para fugir dos frequentes ataques dos *perós* (era assim que chamavam os portugueses, seus inimigos), a aldeia toda preparava-se para viajar para uma região distante, perto de Porto Seguro. Convidaram os dois irmãos para juntarem-se a eles nessa viagem que, segundo entenderam, ocorreria em poucos dias. Para a tristeza de Arará, Agostinho disse a Iperu-açu que iria com eles.

Passadas três semanas enquanto se preparava para deixar a aldeia em direção a *Itanhiã Kuara*, Arará perguntou a Agostinho:

— Vais comigo até *Itanhiã Kuara*?

E estava Agostinho bêbado por beber muito cauim e andava nu como os selvagens.

— Não ouvistes os *morubixabas*? Não existe mais o ouro! Não há como encontrar o local! Pode demorar muito, e quando voltarmos pode ser que eles já tenham saído para Porto Seguro! Não posso ficar longe de minha esposa.

— Lembra-te das palavras de frei Antônio quando disse: “*somente Manuel não será capaz de, sozinho, pegar o ouro*”? Veja que ele já previa que eu talvez fosse abandonado por todos os meus irmãos. Preciso de sua ajuda, meu irmão, faça isso por nossos irmãos de Santos!

— Não irei, porque preciso cuidar de minha esposa que logo conceberá meu filho, mas Duas Bocas irá contigo. Já conversei com ele, com seus pais e também



com o chefe Iperu-açu, eles concordaram. Se quando voltar já tivermos partido, o menino saberá chegar sozinho a Porto Seguro, porque é muito astuto e conhece o caminho.

— Tanto repreendestes a Evaristo e agora tu também não cumpres o juramento que fizeste de não desistir desta causa! Como podes agir assim?

— Perdoa-me meu irmão. Sei que estou pecando. Perdoa-me. Tu sempre fostes misericordioso com todos e serás agora misericordioso comigo também. Conheço teu coração e sei o quão grande ele é.

— Encontrastes aqui o teu tesouro?

— Sabes que não sou homem formoso. Nunca nenhuma mulher me quis, mas aqui encontrei uma esposa que me ama de todo o coração e me trata bem. Que tesouro há maior que esse?

— Estais pensando somente em ti mesmo, deves pensar nas muitas pessoas que tiraremos da miséria com o ouro de *Itanhiã Kuara*!

— Perdoa-me meu irmão, não irei, mas Duas Bocas irá contigo.

— Depois de pegar o ouro, voltaremos para Piratininga e tua mulher índia será batizada e em seguida serão casados de forma legítima por um sacerdote autorizado pela santa fé para realizar casamentos. Tua alma não estará mais sob condenação.

— Não meu irmão, não é assim. Sabes que ela é

tupinambá e não a aceitarão, e tanto ela como eu seremos mortos pelos portugueses. Nunca serei perdoado por ter me deitado com uma pagã dos tupinambás. Também meus irmãos me odiarão por ter me unido a uma das filhas dos homens que mataram nosso primeiro pai.

— Quem está mais amaldiçoado, nossos irmãos que fizeram pacto com uma bruxa ou tu, que não fizestes pacto algum com o diabo, mas te entregas ao pecado fazendo tudo que é contra aquilo que tão cuidadosamente frei Antônio nos ensinou?

— Posso ser pecador, mas em minhas preces admito meu erro e peço humildes desculpas por minhas fraquezas, coisa que meus irmãos não fazem por serem orgulhosos.

— Pedes desculpas, mas continuas em pecado! Serás condenado ao fogo do inferno, meu irmão! Ages de forma egoísta esquecendo que fizemos um juramento de ajudar nossos irmãos de Santos que padecem na miséria! Queres permanecer aqui entregando-te à luxúria, ao ócio e à bebedeira? *Amirá-Pupé* contou-me que te ofereceu sua filha por segunda mulher. Sei que tu acabarás aceitando aumentando sobremaneira teu pecado! Onde estão teus limites?

— Eles vivem sem lei... — argumentava Agostinho.

— Pagarás um preço alto por este pecado! — ameaçava Arará.

— Em Porto Seguro, minha mulher, *Ierubiasaba*,

será batizada e nos casaremos segundo os ritos da santa fé. Juro-te que não aceitarei a filha de *Amirá-Pupé* por mulher.

— Serás excomungado! Serás condenado por devassidão! — disse Arará.

— Tornar-te-ás fraco como são estes selvagens que são destruídos pelos portugueses como se fossem insetos atormentadores. São muitíssimos sobre a terra, mas são desunidos seguindo cada um a voz de seu próprio maracá, e por isso são fracos. Vivem atormentados pelo Anhangá, fantasmas e monstros da selva, porque andam sem a proteção divina, porque as mágicas dos seus maracás não os podem salvar. Assim ocorrerá também contigo, meu irmão, porque teus atos não condizem com tua consciência.

— Lanças-me a maldição de Cunhambebe? Não tenho vocação como tu tens para as boas obras. Eis que facilmente sucumbo às tentações. Confesso e me arrependo dos meus pecados, mas por mais que tente, novamente os cometo e por isso sei que não pertenço ao céu como tu pertences. Vivo em tormentos pelo fardo de minha própria culpa, porque não consigo viver a pesada lei da santa fé e esta culpa me persegue dia e noite e até em meus sonhos. Creio que mereço viver entre estes selvagens sem lei... devo resignar-me a ser um selvagem como eles são.

E arrematou:

— Não quero tua condenação, meu irmão, mas sim tua salvação. Se te entregares à oração da fé, terás

forças...

— Veja como vivem livres e leves sem o peso da culpa. Nunca caem em tentação, porque tudo é permitido entre eles e como são assim felizes estes selvagens! Não há entre eles pecado, porque não há lei! São como um só corpo e um ajuda o outro. Não labutam pela fortuna como nós, mas se divertem em caçadas pelas florestas. Não buscam o dinheiro, mas vivem de suas raízes e frutas que apanham nas florestas. Vejo que a eles pertenco. Terei aqui minha liberdade.

— O que chamas liberdade não é senão irresponsabilidade... .. Diferente deles, conheces a lei divina do evangelho, e se contra ela te rebelar, serás condenado! Eles vivem em guerras contra seus próprios irmãos de outras tribos! Sabes disso! Veja como não há moços entre eles, mas apenas velhos e crianças! Morreram todos nas batalhas! Agora regozijais com a calma dos tempos de paz, mas em breve verás a face do terror das guerras, então te arrependerás de permanecer com eles...

— Não serei salvo nem se contigo for, porque sou fraco, por mais que tente, sempre fracasso. Só alguns poucos como tu serão salvos, os outros, como eu, serão todos condenados, porque são fracos... provarei aqui um pouco de alegria entre estes selvagens... depois morrerei...

— Somente tendes fé, ó meu irmão! Estás cego pelo desejo de deitar-se com a moça índia e entregar-te à bebedeira e ao ócio! Mas este prazer não durará mais que alguns dias...

— Tua busca pelo ouro é inútil, meu irmão. A

floresta é grande e por teu descuido perdeste o mapa! Nunca encontrarás teu tesouro. Deves admitir que perdestes teu tempo. Cessai de ser teimoso. Por que não ficas aqui comigo? — perguntou Agostinho, em sua embriaguez.

Nessa conversa, Agostinho acabou por irar-se com seu irmão Arará e brigaram enquanto os índios os cercaram, tamanha era a gritaria. E defendiam Agostinho, que era como um herói para eles, porque os lisonjeava muito.



## Capítulo 9 – Parte 20

### Como Arará foi sozinho para Itanhiã Kuara

O morubixaba *Iperu-Açu* deu a Arará uma canoa, que chamavam de *ygará*. Encheram a canoa com frutas, farinha de mandioca, peixe em pó, água, apetrechos para pesca e caça, algumas ferramentas e outras coisas. Eram muito bondosos. Deu a ele, também, uma botija com uma água mágica que dizia ser do rio *Kariio Oka* (que fica no Rio de Janeiro), conhecido pelos portugueses como rio *Carioca*, pois acreditavam que a água desse rio era capaz de dar muita força aos homens e formosura às mulheres. Dizia que Arará precisaria de muita força para entrar e sair de *Itanhiã Kuara*. Arará não acreditava nas superstições dos selvagens, mas para não os ofender, aceitou a água que traziam num vaso de barro.

Colocou também uma rede de dormir (que chamavam *inni*). Explicou que deveriam encher a rede com pedras e descer com ela na caverna de *Itanhiã Kuara*, que ficava em Maembipe; porém, Arará não compreendeu naquele momento por que deveriam levar a rede com tantas pedras. Duas Bocas, entretanto, parecia ter compreendido, e isso era o suficiente para Arará, já que iriam juntos.

Alguns dias antes de partir, enquanto Duas Bocas insistia em conversar com Arará a respeito de muitos assuntos, porque eram todos muito falantes e curiosos, Arará o dispensou de forma rude porque estava triste ao dar-se conta que estava tudo acontecendo conforme as palavras de seu irmão Átila, ou seja, estava prestes a viajar para *Itanhiã Kuara* sem nenhum de seus irmãos — haviam se separado —, conforme suas previsões.

Apenas por ter sido um pouco rude com ele, Duas Bocas disse que não iria mais acompanhar Arará na viagem. Era o comportamento de uma criança, mas era isso que ele era, só uma criança.

E por dois dias e duas noites ininterruptas puseram-se os selvagens a dançar e cantar todos juntos numa extraordinária festa. Em sua dança, batiam os pés no chão todos juntos fazendo tremer a terra. E estavam todos num transe e bebiam muitíssimo do cauim que suas mulheres haviam antes preparado para a festa. E dançavam as mulheres todas juntas numa oca enquanto os homens ficavam em outra. E Agostinho ficou nu e com eles participou das danças e cantoria e quebrou sua promessa de não beber mais bebidas fortes, porque bebia do cauim com eles e ficou embriagado. E não ouvia quando era chamado por Arará, tão forte era seu transe durante aquela dança. E desde a discussão que tiveram não haviam mais conversado.

Ao amanhecer, depois de dois dias de festa, estavam todos dormindo profundamente embriagados. E Agostinho dormia e não veio despedir-se de seu irmão que, como já anunciara, partiria naquele dia rumo a *'Anga*



*Kûa.*

E acordou Arará antes do sol nascer e dirigiu-se à grande lagoa de Cabo Frio (chamada *Araruama*), onde estava escondida sua canoa com tudo já preparado para a viagem. E sua arara pernetava e acompanhava e nunca mais o abandonou, até sua morte.

Da grande lagoa navegaria Arará até o mar, atravessando o canal de Cabo Frio. Percebeu logo que Duas Bocas falava sério quando disse que não iria porque não chegara para a viagem no horário combinado (antes do nascer do sol). Deu-se conta que estava só e entristeceu-se muito, chorou, temendo nunca mais ver seu irmão Agostinho.

Antes de se distanciar, *Panemanguera*, o mais velho da aldeia, lhe gritou. Muito se surpreendeu ao vê-lo, porque a lagoa onde estava ficava a três horas de caminhada da aldeia. Não esperava ver ali ninguém da aldeia dos tupinambás.

— *Na Endé anhõ Itanhiã Kuara* — gritava o velho índio.

Mas por não conhecer bem o suficiente a língua dos nativos, não compreendeu as palavras. Achou que ele dizia o que já havia dito antes, ou seja, que o ouro havia se tornado pedra devido à maldição de Cunhambebe.

Conforme se afastava, o velho insistia dizendo muitas vezes:

— *Na Endé anhõ. Na Endé anhõ Itanhiã Kuara* —

insistia o velho índio.

Já que não entendia suas palavras, Arará remava rumo ao mar para Maembipe. Rezou uma prece em voz alta:

“Ó Pai, sabes que faço isso não por ambicionar tesouros, mas para ajudar meus irmãos de Santos. Como trabalho por uma causa nobre, por favor, me abençoe.”

E remou durante muitas horas, pegando mar calmo e céu azul com pouco vento. A arara pernetta que ele chamava Anjo, estava com ele na *ygará*, e apesar de voar muito bem, dele não se afastava.

Depois de muitos dias no mar, sempre parando na costa para descanso, avistou Maembipe.

Conforme instruções de *Iperu-açu*, remou até a baía chamada pelos selvagens de '*Anga Kúa* (Baía Sombria). Chegou lá antes do entardecer.

Pouco antes do anoitecer, enquanto caminhava, pôs-se a chorar. Deu-se conta de quão difícil seria encontrar o ouro. O local era montanhoso e não tinha pistas para onde deveria ir. A ilha era muito extensa, coberta por densa floresta. Caiu de joelhos e rezava enquanto chorava escorrendo muitas lágrimas:

— Oh Pai, por que me abandonaste? Por que me deixastes órfão por três vezes? Por que lançastes sobre mim a culpa de ter sido a causa da morte de nossa mãe? Por isso estou aqui! Para me redimir. Por que não protegestes a canastra que continha o mapa? O que fiz de

errado para merecer este abandono? Em que pequeei? Diga, se puderes! Conheces o meu coração e sabes que tenho sido fiel e tão somente busco a felicidade, primeiro de meus irmãos de Santos, que perderam tudo enquanto rezavam a ti no dia de Natal! E agora, por meu descuido, pois perdi a canastra com os desenhos, não posso encontrar o ouro. Oh! Dá-me o ouro e juro-te que ajudarei meus irmãos, e não pecarão subindo com os bandos que escravizam os nativos!

Armou sua rede e só parou de soluçar quando dormiu.

Acordou cedo e saiu a caminhar em busca de *Itanhiã Kuara*, e assim procedeu por muitos dias.

Conta-se que, num daqueles dias na mata, foi perseguido por um enorme e feroz porco-do-mato, que os selvagens chamavam *tayaçupigta*. Para fugir do monstro, teve que subir numa árvore, e como o porco não o deixava, teve que ali permanecer por quase um dia todo. Quando o porco saiu para beber água (porque saía, mas rapidamente voltava esperando ganhar sua presa pelo cansaço), Arará desceu e conseguiu apanhar uma grande pedra que, com muita dificuldade, porque estava exausto, conseguiu levar ao topo da árvore. Milagrosamente, conseguiu lançar a pedra e ferir a cabeça do porco, que desmaiou. Desceu da árvore e com aquela mesma pedra, rachou a cabeça do animal, que morreu lançando seus miolos pela terra. À noite o *tayaçupigta* morto foi devorado por uma onça, animal chamado *iaguara* pelos selvagens.

Vinte e três dias após sua chegada a Maembipe, num dia de muito sol, ao sentar-se para descansar depois de ter subido um monte, viu algumas bolinhas de madeira no chão, e ao apanhá-las notou ser um terço! Sim! Era o terço que haviam deixado sobre a sepultura de frei Antônio! Seu coração disparou. Logo encontrou um buraco nas rochas! Era *Itanhiã Kuara*! Suas preces foram ouvidas!

Rezou novamente Arará, desta vez de gratidão, dizendo:

— Aqui sobre este solo sagrado onde foi sepultado em cova rasa o santo padre, agradeço-te ó Pai por dar-me a dádiva que tanto te pedi, sim, o ouro que salvará da miséria meus irmãos de Santos.

# Capítulo 9 – Parte 21

## **Como Arará entrou na caverna chamada Itanhiã Kuara**

**Nota do autor:** Esta parte do documento original está rasurada e incompreensível.



## Capítulo 9 – Parte 22

### Como Arará reencontrou Agostinho

E rapidamente voltou Arará à aldeia dos tupinambás, chamada Gecay que ficava em Cabo Frio.

Ao chegar, para sua alegria, viu que toda a aldeia ainda estava no mesmo lugar, não haviam os selvagens viajado para Porto Seguro.

E foi sem demora em busca de seu irmão Agostinho. E o encontrou e viu que jazia doente numa esteira no chão, tão magro, que quase não o reconheceu, porque antes era gordo. Não estava nu, mas usava suas roupas. Possuía um ferimento na fronte.

— O que aconteceu, meu irmão? Como te feristes? Por que deitas no chão e não em rede?

— Quem és tu? — Agostinho demorou a reconhecer Arará, que estava agora com longa barba e com roupas muito rotas.

— Sou eu, teu irmão!

— Por Santa Catarina! — chorou de alegria Agostinho, que rezava dia e noite para ter a graça de ver

novamente seu irmão. Os dois se abraçaram e Agostinho soluçava.

— Veja, meu irmão, lembra-te disto? — disse Arará, fazendo com que Agostinho segurasse o terço do frei Antônio, que havia encontrado ao lado da boca da caverna.

— Por Santa Catarina de Alexandria! É o terço do santo frei Antônio! O mesmo que deixamos sobre sua sepultura! É uma relíquia! — disse Agostinho, enquanto rezava.

— Agostinho — chamou Arará, tentando interromper a reza.

Muito perturbado, foi logo contando Agostinho, segurando firme o terço:

— Não duvides do que te contarei, meu irmão! Eis que apenas alguns dias atrás estes selvagens mataram o menininho Duas Bocas. Eles o comeram! Morreu porque era filho de um prisioneiro dos inimigos aimorés que há muitos anos também mataram e comeram. O pai de minha esposa índia, chamado *Angaipabora*, que julgávamos ser um bom pai do menino, matou o rapazinho com um violento golpe de pau na cabeça. Usou um bastão mágico que chamam de *ibirapema*, fazendo seus miolos voarem pelos ares. Então o lançaram numa grande fogueira arrancando sua pele. Depois abriram sua barriga e as mulheres fizeram uma sopa com suas vísceras. Depois de bem assado, o esquartejaram e disputavam quem pegaria qual parte do menino e o devoraram diante de meus olhos! *Ierubiasaba*, minha esposa, com inocência comeu a canela



de sua perna a ainda veio a oferecer-me que também comesse! E fez isso porque não sabia que aquela era uma prática pecaminosa e repulsiva.

Desde então, estou tão enjoado que não tenho comido quase nada, por isso estou magro e sem saúde! Pobre rapazinho! — disse Agostinho, segurando firme o terço. Era de uma tribo inimiga, os aimorés, odiados pelos tupinambás. Não era *Angaipabora* seu pai, mas seu dono, porque fora ele quem capturara e matara o pai do menino, a quem também comeu.

— Desde que nasceu, eles o preparavam para esse ritual! Coitadinho do menino! — dizia Agostinho, enquanto chorava sentido.

E prosseguia no relato aos prantos:

— No passado, antes de matar e comer o prisioneiro aimoré pai de Duas Bocas, uma das esposas do velho *Angaipabora*, chamada *Iacytata*, deitou-se com o prisioneiro até que engravidou. Então mataram e comeram o prisioneiro aimoré. *Iacytata* então deu à luz ao menino Duas Bocas. Era costume deles agir assim para terem mais carne humana para devorarem quando o filho do prisioneiro crescesse. Foi o que fizeram com o menino — dizia Agostinho aos prantos.

— Sua mãe, *Iacytata*, comeu a carne do próprio filho! — dizia ele, indignado.

— Quando viram que salvamos o menino em Juqueriquerê não se alegraram porque o amavam, mas porque seu prêmio não se perdera! E seu dono,

*Angaipabora*, poderia agora ganhar um outro nome e muita honra!

— Maldita a hora em que salvei o menino! Melhor fora ter morrido ali na mata do que ser comido como foi!

— Quando descobristes que assim agiriam contra o menino, por que não fugiste com ele? — indagou Arará.

— Tentei muito persuadi-lo a fugir, mas ele não queria. Dizia que fugir seria uma desonra para sua nação aimoré e também para seu pai. Achava que, como homem valente que era, deveria seguir seu destino com coragem. Nem em seu último momento de vida parecia temer a morte.

— E não têm estes selvagens outra ambição na vida além dessa de capturar e comer seus inimigos prisioneiros (que chamam de *mu-ambaguera*). Acreditam eles que capturar, matar e comer os *mu-ambaguera* ou seus filhos é o caminho da grande felicidade tanto na terra como no pós-morte! E nisso foram ensinados a crer por seus antepassados e nem os jesuítas conseguem dissuadi-los de praticar estes crimes.

— Eu maltratei Duas Bocas e ele irritou-se e não quis mais me seguir até a Ilha de São Sebastião. Se tivesse sido mais paciente, ele não teria se irritado, teríamos ido juntos e ele agora estaria vivo. Teria, por certo, compreendido seu destino e talvez evitado sua morte — disse Arará, pensativo.

E continuou Agostinho:

— Como nada vale minha alma, julgava eu que por certo seria lançado no inferno na ira futura do juízo final. Mas vejo que antes da hora veio o maligno me buscar e já agora sinto a dor da queimadura das chamas do fogo do inferno dos condenados.

E como se não bastasse essa terrível provação, fui antes de ontem atacado pelo Curupira, que me golpeou a cabeça com um galho de árvore. Eu o vi com meus próprios olhos! Nunca antes havia visto nem nunca acreditei em assombração, mas agora as estou vendo, como as veem estes selvagens...

— Ah, meu irmão! Por que bebes tanto cauim! Em tua embriaguez julgas ver o que não existe... tuas adversidades atrapalham teus pensamentos... — interrompeu Arará.

— Sim, meu irmão, sinto que a loucura me domina! Saiba que existem sim monstros nesta terra, no meio deste povo selvagem isso é comum! Lembra-te que nosso irmão Evaristo sempre contava que nosso pai viu e matou a Ipujiara?

— Preciso falar-te sobre coisa séria... — interrompeu novamente Arará, sem conseguir dizer o que queria, porque Agostinho estava muito perturbado.

— Dias atrás eu e outros três da tribo descansávamos na rede depois da caça da paca na mata próximo a uma queda-d'água a duas léguas daqui, o sol já se punha, mas ainda havia luz e o entardecer era belo. Subitamente, acordei do sono que dormia e ouvi um zumbido de modo que despertei de olhos arregalados,

porque me assustei com o ruído. Depois o barulho da água e da mata se emudeceu, houve um silêncio profundo, a floresta e o céu que antes eram coloridos agora eram pintados de sombras, de modo que eram repulsivos, e até o gosto forte e doce do ananás que mascava tornou-se nulo como se mascasse agora pano molhado, de modo que o cuspi. Então ouvi o zumbido do *Anhangá* tão forte, que me fez arrepiar. Coisa mais estranha que já passei desde que nasci e não havia como fugir. Percebi então que os selvagens gritavam com muito medo, porque já percebiam a chegada do maligno. Antes que pudéssemos piscar os olhos, pulou do mato um anão de aparência horrorosa com grandes pés virados para trás e cabelos vermelhos de fogo do inferno. E sua força demoníaca fazia meu coração e meus pensamentos derreterem, de modo que julguei sair dali insano ou morto. E enquanto fugia dele, feri a testa num galho de árvore. Primeiro o monstro correu em direção a *Ybaka-soby*, que de tamanho pavor pulou do penhasco onde estávamos e caiu de costas na pedra pontuda com toda força, quebrando a espinha. Ele dobrou como uma taquara que quebra ao meio e cai, e suas vísceras ficaram expostas, porque sua barriga se abriu! Outros também pularam de medo e se feriram. Senti tamanho pavor que desejei morrer. Naquela hora caí de joelhos, e de olhos fechados, comecei a rezar com tamanha fé e fervor como nunca antes havia feito. Confessei ao Altíssimo todos os meus pecados. Prometi a Santa Catarina que se me livrasse só mais esta vez, abandonaria minha vida de pecados; prometi naquela mesma hora que nunca mais beberia bebida forte e abandonaria o ócio e a luxúria. Com tanta fé rezei, e aos prantos, pedindo que Santa Catarina expulsasse aquele demônio dali, que minha

reza foi atendida. E clamei com tamanha força que o medo passou e todos se acalmaram. Não feriu o monstro a mais ninguém e foi embora, desapareceu, o som, a cor e o gosto voltaram como eram antes. Os selvagens me têm agora por feiticeiro porque expulsei o Curupira, mas não fui eu e sim a nossa Santa Catarina de Alexandria! E agora quando alguém é atormentado por ele, logo vem até mim para que eu o cure, e quando rezo ficam curados. Mas ainda há noites em que novamente ouço o zumbido de *Anhangá* e de súbito desperto do sono e, como um cavalo indomável que segue louco rumo a um precipício, meu coração põe-se apavorado, mas nesta hora ponho-me a orar tão intensamente que recebo o alívio e não vem o Curupira como antes veio, porque a Providência é misericordiosa. E esse mau espírito de *Saul*<sup>57</sup> caiu sobre mim, porque desviei-me do seguro ensinamento que desde moço tão diligentemente recebi do pai frei Antônio e entreguei-me ao pecado, e juntando-me a estes selvagens alicersei minha casa sobre a areia e as tempestades que facilmente a despedaçam, e sou punido por desviar-me de minha própria consciência. E este *Anhagá* exerce poder sobre as redes que me atraem e por isso sobre elas não durmo mais, mas durmo somente o necessário sobre o chão frio para também castigar minha carne indolente.

E continuou Agostinho:

— Aproveitando-me do prestígio conseguido por ter expulsado o Curupira, tentei a todo custo dissuadi-los

---

<sup>57</sup> Deve referir-se ao rei Saul de Israel, que muitas vezes sentia-se perturbado (possuído por um mau espírito) e só se acalmava ao ouvir a música da harpa tocada por Davi. Veja, na Bíblia, I Samuel 19:9.

de matar e comer homens, mas não logrei êxito. Eis que eles têm por grande honra matar e devorar seus inimigos e realizam uma grande festa nessas ocasiões. Ontem mesmo mataram e devoraram um neto de João Ramalho, que capturaram na praia. Antes de morrer, o homem, que chamava-se José Ferreiro, disse-me que esta aldeia seria atacada em breve pelos portugueses e que seriam todos mortos! Precisamos sair daqui, meu irmão! Quero ir embora daqui! Vou contigo de volta para Santos... Só não saí em tua busca pelas matas porque tenho uma febre que, agora com a grande alegria de ver-te, me deixou e me sinto curado. Levarei comigo minha esposa... Ela será batizada e nos casaremos; apesar de ter comido muitos homens, ela é de excelente coração, só fez comer homem porque assim foi ensinada a fazer desde moça e tem isso como normal. Por favor, tire-me daqui!

E confessou Agostinho seus pecados a Arará. Dizia que se não tivesse cedido às tentações, teria sido poupado de suas terríveis provações. Pediu perdão por ter sido fraco e deixado seu irmão mais jovem ir sozinho até *'Anga Kûa*:

— Se tão somente tivéssemos seguido o conselho de frei Antônio! Se tivéssemos feito o que ele nos pediu, já estaríamos em Santos com nosso ouro e com nossos irmãos! Deveríamos ter permanecido unidos! Deveríamos ter atentado para tuas palavras, ó, meu irmão! Deveríamos ter te seguido desde o início! Por que fomos tão fracos? No fundo de nossas almas sabíamos o que fazer, mas fomos fracos e optamos por ceder às tentações e ao medo! Só tu, nosso irmão mais jovem, foi perseverante! Conhecia frei Antônio, a nobreza de sua alma, ó, meu irmão, por isso te

designou nosso líder! Mas nós te desprezamos, por isso ainda não pusemos as mãos na tão almejada paz que usufruíamos em Santos!

— Trago-te novas de muita alegria!

Arará então mostrou a cruz do padre, que encontrou em *Itanhiã Kuara*.

— Por Santa Catarina! Esta é cruz idêntica à que o padre deixava pendurada sobre sua cama! Só que não é de madeira como aquela, mas é de ouro! Até a cordinha que a pendurava à parede agora é de ouro! Encontrastes o ouro do padre? — perguntou Agostinho, com os olhos arregalados.

— Agostinho, meu irmão, encontrei o ouro, sim! Há muito ouro lá, mas preciso de pelo menos mais uma pessoa para apanhá-lo. Agora entendo porque frei Antônio nos falou sobre o ritual. Uma só pessoa não pode pegar o ouro devido à pedra que existe lá. Venha, vamos até lá e pegaremos o ouro, meu irmão! Se pudermos levar um selvagem conosco, melhor será.

— Oh! Depois de grandes provações vêm as bênçãos! Vamos buscar o ouro! Vamos embora da companhia destes selvagens! Coisas muito estranhas acontecem por aqui, eles convivem com as assombrações como coisa normal e elas de fato aparecem, porque as vi e ouvi! A companhia desta gente não me traz paz. Onde quer que tu estiveres, estarei lá eu também, porque tua lei é a lei da paz. E seguirei teus conselhos como se fossem do próprio Deus. Jamais te abandonarei novamente.

E conversou Arará com o velho índio *Panemanguera*, o mesmo que com ele tentou conversar enquanto navegava de canoa pelo araruama rumo a Maembipe, o mais velho da tribo. E *Panemanguera*, pacientemente lhe explicou por palavras e gestos como era *Itanhiã Kuara*. E só agora entendeu Arará o que o velho índio lhe dizia enquanto partia sozinho para *Itanhiã Kuara* muitos dias atrás. Ele dizia: “não vá sozinho para *Itanhiã Kuara*”. Conhecía o velho índio aquela caverna traiçoeira. Mas Arará, na ocasião, não o compreendeu e foi. Não morreu, mas entendeu que não era possível sozinho pegar o ouro que estava depositado na caverna. E se tivesse compreendido as palavras do velho, talvez já estivesse com o ouro, porque por certo teria levado algum selvagem na viagem.



## Capítulo 9 – Parte 23

### **Como Arará fez o desenho de Maire Humane que havia na pedra em Itanhiã Kuara**

Havia na caverna de *Itanhiã Kuara* um desenho feito com tinta vermelha, aparentando ser muito antigo. Arará, que tinha maestria em desenhar, reproduziu o desenho ainda na aldeia de Gecay, utilizando tinta e pele fornecidos pelos selvagens. Ao ver o desenho, o chefe *Iperu-açu* explicou o significado do desenho conforme ouvira de seu avô *Iukasara*, porque não tinha escrita e as histórias eram passadas por boca dos mais velhos aos mais novos. E chamavam as histórias de *nhe'enguéra*, que quer dizer “histórias antigas”.



## Capítulo 9 – Parte 24

### **Como foi a viagem de Arará e Agostinho até Itanhiã Kuara**

Então viajaram Arará, Agostinho e um jovem selvagem ajudante, chamado *Apitabe-Mirim*, para *Itanhiã Kuara* para apanhar o ouro. Chorou *Ierubiasaba* ao despedir-se de Agostinho, a quem amava.

E depois de longa viagem de canoa da aldeia de Gecay, que fica no sertão de Cabo Frio, até a ilha de Maembipe, desembarcaram em *'Anga Kûa* e, guiados por Arará que agora bem conhecia o caminho, subiram até *Itanhiã Kuara* e dali retiraram ouro, porém não muito. Tiveram que interromper os trabalhos e sair da caverna, porque a chuva começou e ficou muitíssimo forte e entrava água na caverna de modo que não podiam ali permanecer. E choveu forte durante quatro dias e quatro noites e nunca haviam visto chuva tão forte. E os ventos arrancavam as árvores. E devido às correntes de água da chuva, ocorreu um enorme desabamento de terra e pedras, de tal forma que não havia mais meios de localizar a abertura da caverna porque a terra cobriu a entrada. Até um riozinho passava agora no local onde Arará e Agostinho sabiam estar antes localizada a abertura da caverna.

Agostinho muito lamentou, porque sabia que se tivesse vindo com Arará da primeira vez, teriam por certo apanhado todo o ouro e assim salvado os amigos de Santos da miséria. Antes da chuva haviam apanhado algum ouro, mas era pouco se comparado com o que ainda estava enterrado. Dizia que por se deixar seduzir pelas concupiscências da carne, havia perdido a chance de ajudar seus irmãos de Santos.

E não retirou as peças chamadas *máquinas* que o frade havia guardado ali. E viram ali muitas peças de um ouro vermelho, porém não ousaram pôr as mãos nelas. E se maravilhavam de haver ali tantas coisas antigas e se perguntavam como vieram a ser colocadas ali e quem teria realizado esta grande obra.

E lembrou Arará que o velho *Panemanguera* lhe alertou quando partia de canoa sozinho em busca do ouro, e dizia o velho índio, aos gritos:

— “*Na Endé anhõ Itanhiã Kuara*”, que quer dizer “Não vá sozinho a *Itanhiã Kuara*”.

E essas haviam sido as mesmas palavras de frei Antônio, que antes de morrer havia dito que Arará não conseguiria sozinho pegar o ouro.

Se conhecesse mais a língua dos selvagens, teria Arará talvez levado algum selvagem com ele quando saiu de Gecay pela primeira vez. Se mais alguém tivesse ido junto, teriam por certo pegado todo o ouro.

E nunca foi encontrado aquele ouro que ficou enterrado, cumprindo-se assim o que dissera Iperu-açu e os velhos da aldeia sobre a maldição de Cunhambebe, o grande chefe guerreiro dos tupinambás que havia amaldiçoado toda a terra de Cabo Frio a Bertioga, dizendo que ali se perderiam todos os tesouros e que nunca haveria prosperidade. E amaldiçoou Cunhambebe a terra, porque dizia terem os portugueses traído os tupinambás.



## Capítulo 9 – Parte 25

### **Como Arará e Agostinho ficaram ricos e ajudaram a reconstruir a Vila de Santos**

E voltou Agostinho para Cabo Frio para pegar sua mulher índia. E depois de muitas luas, voltaram de lá e viajaram de canoa para a Vila de Santos. E ali Agostinho e *Iubirasaba*, sua mulher índia, encontraram Arará e sua arara pernetá. Lá, com o ouro que obtiveram de *Itanhiã Kuara*, compraram terras nas sesmarias que antes pertenciam a seu pai e ali ficaram muito ricos, fazendo comércio no porto de *Gurarama*, e apesar de não terem apanhado todo o ouro de frei Antônio, encontraram uma mina de ferro no sertão, porque viajaram num bando com Afonso Sardinha, o Moço. E buscavam metais e não selvagens para os escravizar, como muitos portugueses faziam.

E ajudaram muitíssimas pessoas em Santos, como sempre quiseram, e julgo que nem todo o ouro de *Itanhiã Kuara* pesaria o suficiente para comprar as propriedades de Arará Posanongara e Agostinho, porque tudo faziam juntos e nunca se separaram. E prosperou a Vila de Santos e todos que dali haviam saído voltaram, porque havia agora muitos engenhos e prosperidade.

E Arará alforriou todos os índios de Santos e também reconstruiu a igreja no outeiro de Santa Catarina.

E sua arara perneta com ele ficou até o dia em que morreu, porque era velha.

E segundo contava Joana Medeiros, viajava Agostinho frequentemente ao Rio de Janeiro para apanhar a água mágica do rio Carioca e viveu Arará 98 anos. E morreu Arará Posanongara muito avançado em idade e foi sepultado no outeiro de Santa Catarina na Vila de Santos.

E os irmãos Gaia ficaram muito unidos depois de velhos, porque lembravam e entesouravam os ensinamentos de seu pai frade.